

FACULDADE CATÓLICA DE ANAPOLIS
Extraordinário Aproveitamento em Filosofia

FÁBIO RIBEIRO SOARES

UMA ABORDAGEM CONSISTENTE DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO

ANÁPOLIS – GO

2022

FACULDADE CATÓLICA DE ANAPOLIS
Extraordinário Aproveitamento em Filosofia

FÁBIO RIBEIRO SOARES

UMA ABORDAGEM CONSISTENTE DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a faculdade Católica de Anápolis, com requisito essencial para o título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Orientador: Prof. Pe. Gessione Alves da Cunha.

ANÁPOLIS – GO

2022

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso adotou como tema uma abordagem consciente da disciplina de filosofia na educação. A pesquisa denota o que pode ser feito para promover uma transformação da forma como esse conteúdo é aplicado. A metodologia usada para a escolha da presente monografia foi à pesquisa de cunho bibliográfico. A fundamentação citou as barreiras existentes para lecionar filosofia na educação nacional e como beneficiar a formação pedagógica nas aulas de filosofia. A pesquisa visa contribuir com uma formação educacional de maior qualidade em prol de uma culturalização que promova uma grande transformação desse alunado no ensino médio, e acentuando a necessidade de se trabalhar a disciplina de filosofia nas escolas brasileiras. Nas considerações finais, os leitores podem visualizar como é altamente desafiador o trabalho dos professores que lecionam a disciplina de Filosofia, pela falta de recursos e de um planejamento mais bem elaborado para contribuir com a formação desse aluno relacionado com essa ciência.

Palavras-chave: Barreiras. Filosofia. Abordagem. Formação.

ABSTRACT

The monograph adopted as its theme a conscious approach to the discipline of philosophy in education. Research denotes what can be done to promote a transformation of the way this content is applied. The methodology used to choose this monograph was bibliographic research. The reasoning cited the existing barriers to teaching philosophy in national education and how to benefit pedagogical training in philosophy classes. The research aims to contribute to a higher quality educational formation in favor of a culturalization that promotes a great transformation of these students in high school, and emphasizing the need to work on the discipline of philosophy in Brazilian schools. In the final considerations, readers can see how highly challenging the work of teachers who teach the discipline of Philosophy is, due to the lack of resources and better planning to contribute to the formation of these students related to this science.

Keywords: Barriers. Philosophy. Approach. Training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO CULTURAL E SOCIAL	9
2.2 A FILOSOFIA NO NOVO ENSINO MÉDIO	18
2.2.1 O Novo Ensino Médio: Aspectos legais	18
2.2.2 A filosofia no novo ensino médio	24
2.2.3 O papel Formativo da Filosofia	27
2.3 BARREIRAS EXISTENTES PARA LECIONAR FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	32
2.4 COMO BENEFICIAR AS AULAS DE FILOSOFIA EM PROL DE UMA MELHOR FORMAÇÃO PEDAGÓGICA.....	38
2.5 O CONHECIMENTO EMPÍRICO OFERTADO PELA FILOSOFIA.....	43
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
4. REFERÊNCIAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia aborda as barreiras existentes para os professores lecionarem na disciplina de filosofia nas escolas brasileiras, e o que pode ser feito para uma oferta de aulas mais enriquecedoras para a formação cultural desses aprendentes.

O objetivo denota o que pode ser feito para promover uma transformação da forma como esse conteúdo é aplicado, ou seja, o que pode ser feito para que as aulas de filosofia sejam mais abrangentes, o que se inicia pela grade curricular.

A metodologia usada para a escolha do presente tema foi à pesquisa de cunho bibliográfico qualitativo, sendo que diversas pesquisas foram realizadas em publicações e obras de autores renomados e que muito contribuíram com o referido tema.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FLICK, 2013).

Sobre a pesquisa qualitativa, é uma pesquisa que não se interessa pela padronização de conceitos, variáveis, e por replicar resultados, é uma pesquisa aberta que leva em consideração a história do indivíduo, a sua trajetória, suas dificuldades, ou seja, com foco no subjetivo, buscando menos participantes e mais detalhes para construção do conhecimento.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

De acordo com Minayo (2012), o investigador, os sujeitos, os grupos e as sociedades dão significado a suas ações e construções, na medida em que as estruturas sociais são ações objetivadas. O nível de consciência histórica das ciências sociais, está referenciado por meio da consciência histórica e social.

A justificativa usada para a escolha do tema, foi à necessidade de se valorizar a disciplina de filosofia, e a forma como os profissionais trabalham com os educandos inseridos no ensino médio, que sofrem com a escassez de aulas.

O principal problema encontrado para a realização da presente monografia, foi à dificuldade que muitos ainda possuem em compreender como a filosofia apresenta um nível de importância muito elevado, no que diz respeito à formação cultural e educacional dos estudantes

A fundamentação cita as barreiras existentes para lecionar filosofia nas escolas brasileiras, como a falta de aulas e também de recursos, e como beneficiar a formação pedagógica nas aulas de filosofia que ainda deixa muito a desejar.

Uma disciplina que durante muito tempo, deixou de ser contemplada da maneira como deveria pela educação brasileira, uma vez que, se trata de uma necessidade compreender como nem sempre a educação brasileira teve como essência, a possibilidade de promover uma formação pedagógica de qualidade para o alunado.

Com amplo destaque para os períodos em que a gestão educacional brasileira não era democrática, e o interesse principal era a formação de pessoas a fim de suprir as demandas existentes no mercado de trabalho, o que representa algo que merece ser enfatizado de uma maneira enriquecedora.

A monografia visa contribuir com uma formação educacional de maior qualidade em prol de uma culturalização que promova uma grande transformação dos estudantes brasileiros, sendo que a disciplina de filosofia pode acrescentar muito a formação dos estudantes que estão prestes a atingir a maioridade.

Nas considerações finais, os leitores podem visualizar como é altamente desafiador o trabalho dos professores que lecionam a disciplina de Filosofia, principalmente pelas dificuldades existentes no ensino médio, e também, pela falta de recursos e de um planejamento mais bem elaborado para contribuir com a formação desse alunado relacionados com essa ciência que é edificante e culturalizadora.

No contexto geral da educação escolar, a importância dada às disciplinas ofertadas aos educandos, revela um compromisso em assegurar e oferecer o acesso aos saberes elaborados socialmente, pois estes se constituem como instrumentos para o desenvolvimento, a socialização, o exercício da cidadania e a

atuação no sentido de reformular os conhecimentos, as imposições de crenças e valores.

O modo como a disciplina de filosofia apresenta-se como uma questão de extrema importância, no sentido de culturalizar a maior quantidade possível de alunos, que é a principal vertente que os educadores e todas as instituições de ensino apresentam.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO CULTURAL E SOCIAL

Quando se fala em filosofia, é possível identificar todos os benefícios que esse tipo de conteúdo oferta a formação pedagógica do alunado, uma ciência que estimula o raciocínio e o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

No entanto, durante muitos anos, a disciplina apresentou diversas dificuldades existentes, para poder ser inserida na grade curricular das escolas brasileiras, principalmente quando a educação passava por um viés tecnicista.

Antes de analisar a importância basilar que a disciplina de filosofia possui para a formação dos estudantes, é fundamental analisar a sua cronologia, a maneira como essa ciência tão enriquecedora, durante muito tempo não foi bem-vista pelas escolas nacionais (CRUZ, 2010).

Fruto de uma mentalidade tacanha e medíocre de muitos gestores, sejam eles públicos ou escolares, que nem sempre se importavam com a situação em que a sociedade de encontrava, muito menos com o futuro dela.

Com efeito, sempre houve a mentalidade que a educação deveria apresentar o suporte, para que as pessoas pudessem se desenvolver de uma maneira mais ampla, e que se alinhem as necessidades da população e ao mesmo tempo, também da sociedade.

Por essa razão, convém destacar os anos 60 e 70, onde o país sofreu com um processo de modernização e expansão de empresas, no entanto, quando se denota o terno sofreu, quer dizer que ele deixou de ser contemplado de uma maneira mais enriquecedora (ZANATTA; SETOGUTI, 2008).

Em outras palavras, nesse período esperava-se que houve uma melhora no desenvolvimento social e cultural em todas as formas, no entanto, o principal interesse da sociedade era o desenvolvimento do sistema capitalista, e que as pessoas soubessem o suficiente, para que pudessem trabalhar de maneira qualificada, ou seja, que fossem produtivos.

Os donos dessas empresas, que detinham o capital, não se interessavam muito pela formação das pessoas, desde que elas produzissem em larga escala, no

entanto, essa situação começou a mudar, a partir do momento em que as pessoas começaram a sentir que estavam sendo exploradas.

Nesse momento, a educação apresentava um conceito de formação de estudantes mais complexa, que se embasava nas habilidades, nas competências, e isso quer dizer que a culturalização era ofertada através de disciplinas que estimulavam as pessoas a pensar, como era o caso da filosofia (CRUZ, 2010).

Encontrar soluções para o desafio de construir uma educação de qualidade tem sido tema de diversas pesquisas. As experiências vividas dentro das escolas brasileiras demonstram que muitas das propostas educacionais atuais destoam daquilo que se considera uma educação completa e crítica. Para que se alcance uma mudança efetiva desse sistema é necessário ampliar os debates sobre as propostas pedagógicas adotadas nas instituições de ensino.

Nunca é demais lembrar que nas décadas de 60 e 70, as pessoas adultas ainda frequentavam a escola em larga escala, pela necessidade de ser alfabetizadas, principalmente devido à mecanização dos meios de produção, o que exigia um nível de culturalização um pouco mais elevada (CUNHA, 1992).

No entanto, a disciplina de filosofia começou a formar pessoas com uma mentalidade muito mais crítica, e que passaram a identificar as ações sociais com uma essência muito mais clara, com isso, começou a haver contendas sociais em relação à exploração do trabalho e como a sociedade e suas vertentes rumavam para a divisão ainda maior das classes.

Com efeito, passou a haver um grave problema para a formação de pessoas no país, que foi a grande influência que a educação sofria por parte dos gestores públicos, que recebiam a mesma carga de influência dos grandes empresários, esses, não queriam de maneira alguma que as pessoas recebessem um embasamento cognitivo mais qualificado, uma vez que, poderiam se revoltar contra esse sistema, colocando em risco o seu poderio (GALLO, 2002).

Uma das medidas realizadas para reduzir a qualidade no processo de formação de estudantes, foi à retirada da filosofia da grade curricular brasileira, além disso, o ensino começou a se tornar muito mais dinâmico, com professores que eram apenas transmissores de conteúdo, e os estudantes repetidores dos mesmos (PAVIANI, 2010).

Essa é uma prova cabal, do poderio que a disciplina de filosofia possui para a sociedade, pelo menos em relação as que verdadeiramente se preocupam em formar uma sociedade mais qualificada, harmônica e que beneficiasse a todos (GALLO, 2012).

O modo como se trata de uma ciência absolutamente enriquecedora, e que ainda hoje não é valorizada da maneira como deveria, no entanto, ao traçar um paralelo com as décadas passadas, hoje essa disciplina possui ao menos um nível de espaço maior.

É preciso valorizar primeiramente a essência que a filosofia possui para a formação do educando, de maneira sumária é preciso levar-se em consideração que se trata de uma ciência absolutamente antiga e isso promoveu um grande período em que a mesma pudesse evoluir (FERREIRA, 2003).

Assim como a necessidade de conhecer o engajamento que essa ciência possui em relação ao conhecimento sobre a sociedade, acompanhando a maneira com que a vida humana evoluiu, assim como os conceitos de sociedade.

Por essa razão, a disciplina de filosofia ofertada no ensino médio possui uma importância holística para a sociedade, uma vez que, ensina aos futuros cidadãos a entenderem, e acima de tudo, respeitarem as diferenças, essa é uma questão fundamental para uma sociedade de maiores valores possa ser propagada entre todas as pessoas (BITTENCOURT, 2015).

No decorrer da história, a filosofia se reconstruiu em paralelo ao pensamento científico; conforme o homem realizava suas pesquisas, reformas, alterações e reconstruções, a ciência transformava o mundo e assim eram alcançadas as virtudes mais sensíveis da existência humana, a experiência de cada um (ZANATTA, 2014).

Por mais que se trate de uma ciência que ainda se encontra pouco explorada, principalmente pela possibilidade de aprendizagem com relação a vivência que os filósofos possuíam, e como essas vertentes possam serem representadas na atualidade.

Com relação a formação dos estudantes, o que chama a atenção na disciplina de filosofia, diz respeito a formação do desejo de se aprofundar um pouco mais os conhecimentos, o quanto é fundamental que o educando desenvolva o desejo de se obter maiores informações.

Principalmente pelo fato de que é preciso aprender a explorar novas fontes, ou seja, de consultar autores que verdadeiramente apresentem níveis de conhecimentos diferenciados, e que se alinhem a busca que esses estudantes apresentam.

Segundo Ferreira (2003, p.65):

A filosofia vem contribuir no meio educacional a partir de suas especificidades, colaborando com o melhor desenvolvimento e riqueza no que diz respeito às práticas educacionais, juntamente com outras áreas que não são menos importantes que a filosofia, mas que podem ajudar uns a outras para o aperfeiçoamento de metodologias, diálogos e práticas que carecem de reflexão.

Grande parte dos problemas sociais que existem ainda hoje na sociedade, já eram refletidos pela filosofia desde o período dos grandes pensadores, ou seja, desde a Grécia antiga, como, por exemplo, o preconceito que existia contra as mulheres, estrangeiros e também contra aqueles que se encontravam (GUARESCHI, 2002).

Principalmente a falta de cultura, como ainda existe o problema da má qualidade no processo de transmissão de informações, o que é algo sempre muito importante de ser debatido, uma vez que, se denota como um fator fundamental para o desenvolvimento social.

O mais importante a ser destacada na disciplina de filosofia, é que a mesma oferta aos estudantes uma maneira mais racional de visualizar a sociedade, uma questão de extrema importância, principalmente quando se trata de pessoas que necessitam viver em sociedade, de uma maneira organizada.

Retira-se do aluno uma visão sequencialista, de que as novas gerações devem ofertar continuidade ao que já existe, pelo contrário, a filosofia estimula sempre a diversas mudanças, desde que as mesmas consigam serem benéficas a todos.

Uma forma muito importante de compreender como essa ciência é absolutamente útil para a sociedade, e por essa razão, eis a necessidade de se promover uma adesão maior quanto a esse tipo de conhecimento (GERMANO, 2011).

Trata-se de algo extremamente complexo, observar qualquer tipo de evolução social de maneira que possa ser transformado em benefícios para a sociedade, e mais do que isso, que se trata de uma maneira de preparar a pessoa para a vida em sociedade.

É preciso falar da filosofia e de sua importância para a educação, pois as duas não devem andar por caminhos diferentes, uma necessita da outra para melhor desempenho. O meio educacional precisa de um ensino que seja esclarecido, emancipador e que não se deixe levar por meios mecanicistas de se fazer educação. A filosofia tem que estar incluída no dia a dia da escola, agindo com ela e refletindo as melhores práticas e modos de se fazer educação.

A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, o homem não se alimenta da filosofia, mas sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia, consegue conhecer muito melhor em relação ao ambiente em que se encontra inserido (BRANGATTI,1993).

Ser uma pessoa racional, é sempre algo positivo, que se trata de um requisito fundamental para que o mesmo adquira uma mentalidade mais positiva, efetiva, e que se alinhem as necessidades de um contexto social que deve sempre estar em busca de evolução.

A contribuição da disciplina de filosofia para a formação dos estudantes é inegável, tanto que existem discussões sobre a ampliação da oferta desse conteúdo para os alunos brasileiros, em prol de uma formação social mais abrangente (GONÇALVES, 2014).

A filosofia trata da realidade não a partir de recortes, mas do ponto de vista da totalidade. A visão da filosofia é de conjunto, de entendimento do problema, não de modo parcial, mas relacionando cada aspecto observado outros do contexto em que está inserido (CUNHA,1992).

A filosofia em sua trajetória histórica procura resposta às questões percebidas e a cada época são respondidas a partir de diferentes reflexões que constituem correntes ou escolas de pensamentos.

Com efeito, também é preciso dizer que existem algumas barreiras para que esse tipo de conteúdo seja ofertado de uma maneira mais abundante para os educandos, em outras palavras, a disseminação da disciplina de filosofia por parte

dos professores, não ocorre da maneira ideal, e nem mesmo como esses profissionais acreditam ser próximos disso (CARTOLANO, 2015).

Isso quer dizer que é preciso que haja uma reestruturação do ensino médio, principalmente em relação aos materiais que são ofertados aos estudantes, essa é uma questão de extrema importância a ser debatida de uma maneira mais intensa.

É preciso levar em consideração a importância que possui o ensino de filosofia, a fase em que os estudantes se encontram, e claro, a eminência de seu processo de socialização, isso é algo fundamental para mostrar a necessidade de haver uma formação pedagógica mais enriquecedora (KOHAN, 2002).

No entanto, trata-se de um caminho extremamente longo para os educadores da disciplina de filosofia, trabalhar da maneira com que os mesmos acreditem serem a ideal, até porque se trata de um conteúdo rico e ao mesmo tempo vasto (MERKSENAS, 2008).

Pelo contrário, trabalha-se a disciplina de filosofia de uma maneira muito pragmática, e esse é um grande erro, uma vez que, deixa-se de ofertar conhecimentos significativo para a construção dos estudantes, é isso o que necessita ser mudado.

Além da dificuldade com o tempo, que é um problema que necessita ser superado, para se ofertar um conteúdo mais qualificado para os alunos, também é preciso levar em consideração as limitações propostas pela falta de recursos (ARANHA, 2000).

A partir do momento em que os educandos descobrem o potencial e a transformação oferecidos pela disciplina de filosofia, eles próprios passam a ir à busca de mais conhecimento, uma vez que, percebem o quanto esse conteúdo é edificante.

Aumentar o número de aulas para o professor de filosofia realizar um trabalho mais profícuo, é algo que vem sendo ponderado há algum tempo, e que, no entanto, não vem sendo colocada em prática (ARANHA, 2000).

Todavia, isso não quer dizer de maneira alguma, que basta apenas que os docentes tenham mais aulas a sua disposição, para que os educandos possam compreender a importância que a disciplina de filosofia como vertente social apresenta.

Por fim, é preciso ponderar que grande parte dos problemas relacionados à falta de apelo a diversidade, poderiam ser sanados se as pessoas conhecessem um pouco mais as raízes históricas, algo que faria grande diferença para que a sociedade realmente se transformasse em projeção há um viés de desenvolvimento (PINHO, 2014).

A disciplina de filosofia, apresenta um caráter transformador na mentalidade dos estudantes, promovendo uma reflexão com relação aos mais diversos tipos de temas fundamentais para a vida em sociedade, e que por essa razão, trata-se como uma questão crucial que essa vertente passe a ser difundida de uma maneira muito mais intensa.

No entanto, não há como deixar de mencionar a realidade difícil que os docentes que atuam nessa disciplina, principalmente pelo fato de haver uma necessidade crucial de enriquecer o conteúdo que é ofertado, com amplo destaque para a ampliação do período em que esses conteúdos são ofertados (GOULÃO, 2011).

Assim como ainda existem muitas pessoas que simplesmente não compreendem o poderio cultural que a disciplina de filosofia apresenta na atualidade, acreditando de maneira equivocada que se trata de uma ciência que se liga apenas ao passado, no entanto, trata-se de um verdadeiro alicerce para a formação humana, e de uma maneira extremamente enriquecedora.

Além disso, as diversas mudanças, com entradas e saídas da grade curricular da educação brasileira, também se demonstra como um fator que limitou muito o desenvolvimento da disciplina de filosofia na educação nacional, ou seja, não houve tempo considerado como satisfatório, para que essa matéria fosse adaptada a realidade nacional, como houve com diversas outras.

Por essa razão, é possível dizer que o longo período de inatividade e ostracismo, afetou diretamente a qualidade na oferta do ensino dessa disciplina, e com isso, leva-se algum tempo para que esse tipo de reabilitação aconteça, ou seja, que os estudantes possam refletir sobre os diversos benefícios que essa ciência apresenta na atualidade (GOULÃO, 2011).

Principalmente pelo fato de a disciplina de filosofia ser absolutamente social e atual, ou seja, apresenta uma gama de conhecimentos tão importantes, e por essa razão, consegue se tornar verdadeiramente atrativa, mesmo que se passe muitos

anos, como é o caso de uma ciência milenar e que se mistura a formação da sociedade.

Ensinar filosofia pode ser considerado como uma vertente social de extrema importância, e representa como meta a adoção de uma postura de trabalhar em sala o que foi problematizado pelos filósofos, buscando reestruturar isso no cotidiano, a partir do movimento do tempo.

O ensino de uma educação para o pensar deve favorecer uma formação para a vida cidadã. A análise das relações em sala de aula deve visar o conceito de vivência empática, a partir de uma proposta de intervenção metodológica, por meio de oficinas de leituras que proporcionem a experiência filosófica-fenomenológica ao estudante. Assim, se faz necessário discutirmos, a partir de algumas perspectivas, como a da formação inicial de professores, da educação para o pensar, das relações interpessoais dos discentes e das novas metodologias de ensino (LIMA, 2021, p. 55).

Usando uma linguagem que pode ser considerada como mais coloquial, a disciplina de filosofia na educação atual, apresenta um nível de inexpressividade muito alta, isso ocorre pela falta de espaço e de uma grade curricular que valorize essa ciência da maneira como a mesma deveria.

Com apenas uma aula semanal, é ingrata a tarefa desses educadores, de realizarem uma formação cultural e social mais qualificada, pela falta de tempo e claro, pela complexidade que essa ciência apresenta para a sua oferta.

Em outras palavras, a disciplina de filosofia apresenta uma grande quantidade de conteúdos, a serem ofertados para o alunado, e que exigem ao menos um período de reflexão por parte desses discentes, e isso não ocorre da maneira como deveria para a formação social, cultural e educacional de todo esse alunado (GALLO, 2012).

De uma maneira geral, a disciplina de filosofia não pode ser considerada como reprodutivista, esse é o ponto que deve ser abordado de uma maneira mais profícua, ou seja, essas informações não devem ser meramente decoradas pelos alunos, e sim, internalizadas por ele.

Um dos conteúdos que podem ser considerados como norteadores, para as aulas de filosofia é a moral, e somente esse assunto, apresenta vastidão para que os alunos possam aprender de uma maneira que permita uma reflexão e mais do que isso, que haja a possibilidade de se fazer um paralelo entre o momento

histórico que foi citado pelos docentes, com a presente data em que os estudantes se encontram inseridos (MACIEL, 2010).

Não há como os educadores discursarem sobre moral com apenas uma aula semanal, no entanto, é justamente isso o que acontece, o que dificulta muito a qualidade do conteúdo a ser trabalhado por esses profissionais, principalmente pelos problemas sociais que podem ser vistos de maneira tão contundente.

No contexto geral da educação escolar, a importância dada às disciplinas ofertadas aos educandos, revela um compromisso em assegurar e oferecer o acesso aos saberes elaborados socialmente, pois estes se constituem como instrumentos para o desenvolvimento, a socialização, o exercício da cidadania e a atuação no sentido de reformular os conhecimentos, as imposições de crenças e valores.

Existem diversas figuras históricas, que apresentam um nível de importância mais acentuada, e que nem sempre são conhecidos por parte dos estudantes, pela indisponibilidade que existe para se trabalhar esse tipo de conteúdo de uma maneira reflexiva (MACIEL, 2010).

Cada figura deve ser conhecida de maneira minimizada, até para que estimule os estudantes a buscarem um acervo maior de informações, desde que, se interessem pelo conteúdo, em outras palavras, uma forma de se promover um nível de culturalização que possa ser considerado como mais qualificado.

Com efeito, a disciplina de filosofia apresenta-se como uma vertente que visa promover uma verdadeira transformação social, desde que a mesma parta de princípios, de modelos que possam se adequar de maneira clara a todos os que ocupam um mesmo espaço, sem exceção.

O que representa uma grande quantidade de vieses que necessitam serem trabalhados de maneira mais abrangente, como, por exemplo, os valores sociais, como as pessoas se enquadram e de maneira mais adequada ou não, com as tendências sociais (HESSEN; CORREIA, 1999).

Assim como o papel de importância singular que a disciplina de filosofia apresenta na atualidade, eis uma condição fundamental e que deve ser elencada de um mundo que permita a compreensão por parte dos educadores e educandos em conjunto, e de maneira harmoniosa.

O desenvolvimento da capacidade de pensar tem que ser realizada dentro das escolas. Os professores precisam entender que é através do contato e da valorização dos conhecimentos do passado que poderemos educar cidadãos para a reconciliação com a sua morada (que é o mundo), que está marcada por inúmeras tragédias, derivadas da carência do pensar entre os seus vários habitantes.

Isso é algo que não pode mais se repetir, pelo menos em uma nação que busca obter um nível de desenvolvimento que possa ser considerada como mais ampla e próximo os principais potenciais que existem no globo terrestre (HESSEN; CORREIA, 1999).

Assim também merece destaque o fato de haver tantos alunos que apresentam o desejo de se envolverem mais com o conteúdo, e que dependem de uma orientação mais acentuada por parte dos educadores, e isso exige um período maior, sem que atrapalhe as demais.

Trata-se de uma maneira de democratizar a disciplina de filosofia, e não simplesmente observar como esse conteúdo na grande maioria das vezes não é abordada de um modo que permita a obtenção de um valor cultural que possa ser considerado como transformador na realidade dos estudantes.

2.2 A FILOSOFIA NO NOVO ENSINO MÉDIO

2.2.1 O Novo Ensino Médio: Aspectos legais

O Novo Ensino Médio, foi desenvolvido e promulgado como um conjunto de mudanças e legislações que foram instituídas e aprovadas no ano de 2016, com isso alterando a BNCC e as diretrizes curriculares nacionais com relação a essa etapa da educação.

A Filosofia da Educação no Brasil baseia-se nas ideologias de autores clássicos tradicionais e contemporâneos que discutem as concepções dos tradicionalistas e a interferência internacional. Apresenta também dimensões do cenário nacional, discutindo sobre os conceitos tradicionalistas e progressistas, em momentos históricos diferentes, refletindo sobre as características e utilidade prática de um conceito e outro, mesmo quando adversos, fundamentando seus sentidos e direções filosóficas (ZANATTA; SETOGUTI, 2014).

Para a compreensão de como a Filosofia se coloca no contexto do Novo Ensino Médio se faz necessário entender alguns aspectos da legislação que reconfiguram as bases educacionais que estavam alicerçadas este nível de ensino no Brasil.

A MP 746/2016, foi aprovada 30 dias após o governo de Michel Temer assumir, com isso pode-se entender que existia uma urgência para a reestruturação e modificação da educação brasileira, sendo que apenas 147 dias após a publicação da MP foi sancionada pelo congresso e pelo Senado que acabou por virar Lei em fevereiro de 2017.

Segundo Costa Neto (2003), a MP Supracitada que deu origem a Lei nº 13.415/2017, reforçou as contradições que envolvem a história da educação brasileira e o ensino da Filosofia, pois historicamente pode-se constatar pequenos avanços em determinados períodos e com grandes retrocessos em outros.

Silva (2018), salienta que ao colocar em prática o Novo Ensino Médio, acabou que toda a história de luta e o movimento de entidades civis, acadêmicas, de professores para a inclusão da Filosofia como uma disciplina no ensino brasileiro é desconsiderada, por um ato governamental e político, sem realizar um real processo de debate e amadurecimento, realizou tal exclusão.

Outro ponto que deve ser levantado quando se aborda a disciplina de Filosofia e a sua não obrigatoriedade que será discutida ao longo do texto e das normas preconizadas pela BNCC e emendas a LDB, que o seu fim não está apenas calcado em uma estratégia educacional, mas uma visão política e econômica, pois a disciplina de Filosofia é vista por muitos políticos como um investimento inútil e que não traz resultados econômicos para o Brasil, sendo que esses conhecimentos proporcionados pela disciplina de Filosofia, podem ser usados pelos estudantes e cidadãos brasileiros para ter um pensamento crítico sobre a classe política, gerando com isso prejuízos a extratos sociais dominantes (RIBEIRO, 2018).

Nesse sentido, as mudanças implementadas para o Novo Ensino Médio estão dispostas na Lei nº 13.415/2017, com essa Lei pode-se alterar a LDB, que remodelou artigos importantes para a educação Brasileira, os artigos que foram modificados são o art. 24; 26; 36; 44; 61 e 62, e acabou por se introduzir um novo artigo o 35-A (BRASIL, 2018a; 2018b; 2018c).

Com relação as mudanças do artigo 24, foi alterada a carga horaria de 800 horas para 1400 horas anuais de aula, com relação ao artigo 26 a obrigatoriedade da língua inglesa em relação a outras línguas estrangeiras. Foi retirado do currículo o dever de incluir princípios de proteção e de defesa civil e da educação ambiental e incluiu o § 10, que indicou novos componentes curriculares obrigatórios na BNCC (BRASIL, 2018a; 2018b; 2018c).

Com relação ao artigo 35-A que foi incluído na LDB, que com isso define que a BNCC irá definir os direitos e objetivos de aprendizagem do Ensino Médio, partindo das áreas de conhecimento de linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias e por fim ciências humanas e sociais aplicadas (BRASIL, 2018a; 2018b; 2018c).

No § 2º do artigo 35-A que foi implementado na LDB, é onde consta que a BNCC do Ensino Médio deverá incluir em caráter de obrigatoriedade, estudos e práticas de Educação Física, Artes, Sociologia e Filosofia (BRASIL, 2018c).

O que se pode perceber de início com a nova legislação do Ensino Médio é que as disciplinas de Filosofia, bem como as citadas acima, não são um componente curricular ou uma disciplina, mas que passaram a ser referidas como estudos e práticas que com isso não precisam ocorrer dentro do componente curricular específico. Outro ponto que o Novo Ensino Médio não preconiza é que esses estudos e essas práticas se façam presentes em todos os anos do ensino médio, como na mesma lei fica claro a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa e da matemática nos três anos do Ensino Médio e com um aumento das suas cargas horarias.

Para Ramalho (2021), a redução da disciplina Filosofia a estudos e práticas prejudicou o seu ensino, desvalorizando seu estatuto disciplinar e também seu lugar em sala de aula e no sistema formativo para o aluno. Embora tenham sido contempladas na lei, há uma distinção em relação a algumas áreas (matemática e língua portuguesa), as quais empregam o termo “ensino” em contraponto à filosofia e demais áreas que empregam os termos “estudos” e “práticas”, sem maiores orientações sobre sua aplicação. Sendo que com isso são ignorados toda a literatura e os avanços que, ao menos desde 1930, vêm indicando os mútuos benefícios da filosofia para a ciência.

No artigo 36 da Lei nº 13.415/2017, que institui o Novo Ensino médio que é apresentado o currículo, que será composto pela BNCC e por itinerários formativos, que serão ofertados as escolas e alunos através de arranjos curriculares, sendo que levarão em consideração o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino (BRASIL, 2018b).

A nova composição curricular para o ensino médio tem um caráter dual, pois essa nova estrutura será composta pela soma das disciplinas obrigatórias da BNCC e mais um itinerário formativo, sendo que os itinerários são divididos em cinco, são eles: Linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; Ciências da natureza e suas tecnologias; Ciências humanas e sociais aplicadas e a Formação técnica e profissional.

Com isso, os estudantes do Novo Ensino Médio, não estudaram todas as disciplinas que constavam nos currículos anteriores, tais como português, matemática, física, química, biologia, artes, filosofia, sociologia, história, geografia, língua estrangeira e educação física, mas apenas as disciplinas de Português, matemática e língua inglesa que aparecem destacadas na BNCC como disciplinas obrigatórias (BRASIL, 2018a; 2018b; 2018c).

Quando se analisa a Lei do Novo Ensino Médio e as diretrizes anteriores pautadas na BNCC e na LDB, no artigo 36, foi excluído o inciso IV, que era o inciso que preconizava que as disciplinas de Filosofia e Sociologia eram obrigatórias em todos os anos do ensino médio. Sendo que do § 1º são retirados todos os direitos de aprendizagem, tais como o domínio de princípios científicos e tecnológicos, conhecimentos de formas contemporânea de linguagem e domínios dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia (BRASIL, 2018b).

Com isso o artigo 36 da Lei que estabelece o Novo Ensino Médio tem uma ênfase sobre a formação técnica e profissional, onde inclui três parágrafos e dois incisos que abordam a temática, são apresentadas no artigo novidades como a possibilidade de concessão de certificados intermediários e a opção de formação estruturada em etapas (BRASIL, 2018b).

Com isso, o Novo Ensino Médio coloca que os estudantes deverão escolher o itinerário formativo que irão cursar e a instituição ofertará a formação que o estudante pretende, e que verdadeiramente assegure a sua transformação social e cultural.

Há de se lamentar apenas as péssimas condições de trabalho que os docentes dessa disciplina apresentam no dia a dia, e por essa razão, trata-se de um diferencial promover uma reflexão, com relação as mudanças que necessitam serem implementadas.

Nesse sentido, pode-se compreender que de acordo com Santomé (2003, p. 39):

A educação e as criações culturais, em geral, foram reduzidas a mercadorias, que dissimulam as redes econômicas e os interesses políticos que se escondem por trás dessa posição mercantilista. A sua lógica seria convencer as pessoas a escolherem as instituições escolares, diplomas e corpo docente da mesma forma em que são escolhidos e comprados outros produtos em e entre diferentes supermercados.

Com relação ao que expressa Santomé (2003), pode-se compreender que o Novo Ensino Médio, que foi desenvolvido pelo governo de Michel Temer, tem como requisito atender uma lógica de mercado, pois ao dar a entender que os alunos devem escolher o tipo de formação que querem, através de uma escolha de um itinerário formativo específico, atende a demandas que são externas ao âmbito educacional.

Nisso pode-se compreender que se ocultam os fins relacionados a educação, pois numa perspectiva neoliberal, onde a educação é posta como uma mercadoria, o que se pretende é preparar os estudantes com o mínimo de saberes para a sua introdução no mundo do trabalho, não existindo um interesse de discussão com relação ao papel da educação para a formação do cidadão, para o acesso à cultura e para o pensamento crítico.

Dessa maneira, se inviabiliza uma formação que possibilite os estudantes um horizonte de transformação de si mesmos e da sociedade, sendo ao contrário a educação serve como um limitador do estudante em sua condição social e na sociedade (LIMA, 2021).

Dentro do sistema capitalista onde o neoliberalismo tem o domínio das pautas políticas, deve-se compreender que conforme Gentili (2010, p. 229) que:

O neoliberalismo ataca a escola pública a partir de uma série de estratégias privatizantes, mediante a aplicação de uma política de descentralização autoritária e, ao mesmo tempo, mediante uma política de reforma cultural que pretende apagar do horizonte ideológico de nossas sociedades a possibilidade mesma de uma educação democrática, pública e de qualidade para as maiorias.

Ao entender que as questões que envolvem o Novo Ensino médio, perpassam por questões políticas e ideológicas, sendo que o neoliberalismo tem como uma de suas possibilidades adentrar o âmbito educacional e instrumentalizar a educação, através de tomada de decisões políticas, a disciplina de Filosofia com isso acaba por perder espaço para outros itinerários formativos de caráter preparatório para o mercado de trabalho e para a conformação dos sujeitos no sistema estabelecido.

Dessa maneira as instituições escolares não são obrigadas em nenhuma parte da nova legislação a ofertarem todos os itinerários, levando em consideração a realidade brasileira em que as escolas de ensino médio funcionarão com currículos bastante diferenciados, ofertando diferentes itinerários formativos, as instituições escolares teriam que convencer os estudantes de que merecem ser escolhidas pelos mesmos para cursarem tal nível de ensino.

Com isso fica visível que o Novo Ensino Médio, apresentado pela Lei nº 13.415/2017, tem como uma de suas metas a de reconfigurar toda a base educacional brasileira que estava assentada em uma formação de qualidade, prezando por preceitos educacionais que levam em consideração as ciências humanas como a base para a formação para a cidadania.

Pois, a Lei altera com profundidade o currículo e os objetivos de formação do ensino médio. Sendo que os três anos do ensino médio deixarão de ser composto pelos treze componentes curriculares que eram tradicionais e ocupavam os tempos e espaços do nível de ensino, passando a ser composto pela BNCC e por um itinerário formativo que delimita o estudante a uma área de conhecimento específica, sendo que esse itinerário ocupará mais de 50% da carga horaria total do ensino médio e serão escolhidos pelos estudantes (BRASIL, 2015).

Com isso pode-se compreender que o objetivo da educação brasileira no ensino médio deixa de ser uma formação holística, que compreende os estudantes terem uma visão geral sobre diversos e distintos conhecimentos sobre os múltiplos ramos do saber, sendo reduzido a uma formação com um papel instrumental de formar em um único ramo do saber específico, que acaba por restringir o direito dos estudantes brasileiros a aprendizagem.

2.2.2 A filosofia no novo ensino médio

Quando se aborda o currículo escolar, principalmente a partir das novas concepções implantadas pela Lei nº 13.415/2017, pode-se ver que a BNCC com relação ao ensino médio, não foi elaborada com os componentes curriculares especificados, como será composta a base curricular, somente aborda a obrigatoriedade do ensino de português e matemática.

Nesse sentido a BNCC não se apresenta como uma base comum a todo o ensino médio brasileiro, pois está ausente de seus postulados e normas, qualquer modelo, referência ou padrão e nem cita quais são os componentes curriculares que são indispensáveis para a formação dos estudantes.

O que se pode ver no documento, é que aborda de forma superficial sobre as aprendizagens essenciais dentro de cada uma das quatro áreas de saber especificadas deixando de fora o ensino técnico e profissional, com a forma de habilidades e competências que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo do ensino médio, mas não se refere diretamente a nenhuma disciplina ou a componentes curriculares de cada área do saber.

Uma das explicações para tal, está no fato que o documento aponta que se faz necessário romper com a centralidade das disciplinas nos currículos e com isso substituir por aspectos mais globalizadores e que possam abranger a complexidade das relações existentes entre os diversos ramos da ciência no mundo real (BRASIL, 2018a).

Nesse sentido, mesmo as propostas inovadoras dos currículos para a educação não podem excluir de suas predisposições a apresentação e o ensino para as novas gerações da bagagem cultural e epistemológica que foi acumulada ao longo da história humana, sendo que esses conhecimentos são em geral introduzidos aos estudantes na forma de disciplinas que tratam dos assuntos pertinentes a área do saber.

Com isso Rocha (2017, p.142), salienta que:

As disciplinas representam, *em última instância*, nossos esforços de investigação e sistematização das curiosidades humanas fundamentais nas diversas áreas da experiência humana. Cada disciplina é um tipo de cuidado. Esses cuidados são o que chamamos de metodologias, estratégias dedutivas e indutivas, estatísticas, atenção plena e são, por isso mesmo,

disciplinamentos(...) as disciplinas são a base de conhecimento e ponto de referência para qualquer proposta que queiramos fazer: baseado em problemas, projetos, nelas mesmas.

Ao se propor a ser uma legislação educacional inovadora, o Novo Ensino Médio, rompe com o modelo disciplinar, com isso acaba por não fundamentar a propriedade epistemológica dos mais diversos ramos do conhecimento que os estudantes devem aprender, desenhando um empobrecimento dos valores educacionais para o ensino médio, pois não existe uma garantia que os conhecimentos que eram transmitidos aos estudantes através das disciplinas continuarão a ser transmitidos. Com isso pode-se compreender que a Filosofia passa a ser vulnerável nesse modelo educacional.

A BNCC quando trata da área de Ciências humanas e Sociais Aplicadas, que engloba Filosofia, Geografia, História e Sociologia, tem como proposição ampliar e aprofundar as aprendizagens que são essenciais e que foram desenvolvidas até o 9º ano do ensino fundamental, sempre se orientando por uma educação ética. Por ética, entende-se “como juízo de apreciação da conduta humana, necessária para o viver em sociedade, e em cujas bases destacam-se as ideias de justiça, solidariedade e livre-arbítrio” (BRASIL, 2018a, p. 547).

Quando se analisa as competências e as habilidades que a BNCC descreve para o Novo Ensino Médio, dentro da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, pode-se perceber que não é apresentado especificidades com relação a Filosofia, sendo que todas as áreas de humanas são apresentadas juntas e misturadas, de forma indiscriminada, sem um rigor conceitual e metodológico (BRASIL, 2018a).

Com o contexto que foi apresentada a Lei que estatuiu o Novo Ensino Médio, o ensino e a aprendizagem da Filosofia acabou por ser comprometido, além de que foi excluído da LDB, não aparecendo como um componente curricular da BNCC e no DCNEM o que se aborda é o estudo e as práticas de Filosofia que “devem ser tratados de forma contextualizada e interdisciplinar, podendo ser desenvolvidos por projetos, oficinas, laboratórios, dentre outras estratégias de ensino-aprendizagem que rompam com o trabalho isolado apenas em disciplinas” (BRASIL, 2018b, p.06).

Segundo Ramalho (2021, p.229-30), salienta que:

A palavra Filosofia aparece apenas três vezes em todo o texto da BNCC. Mas em nenhuma delas se refere à Filosofia enquanto uma disciplina específica ou enquanto um componente curricular, sem estar diluída dentro da área de ciências humanas. Na primeira ocorrência da palavra Filosofia (BRASIL, 2018, p. 33), ela está entre parênteses, após citar a área ciências humanas e sociais aplicadas, juntamente com os nomes de Sociologia, História e Geografia. Na segunda ocorrência, que está na citação acima (*Ibidem*, p. 547), a Filosofia aparece apenas como um nome entre Sociologia, História e Geografia, que compõem a área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas. Na última vez em que a palavra Filosofia comparece no texto da BNCC é no contexto em que se discorre sobre a temática do tempo, dizendo que é matéria da reflexão da Filosofia, da Física, da Matemática ...

Na BNCC, quando está abordando a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na qual a Filosofia está envolvida, são elencadas seis competências e trinta e uma habilidades que os estudantes devem desenvolver dentro dessa área, mas nenhuma dessas competências e habilidades está abordando diretamente o que se espera para o ensino de Filosofia.

O texto com as habilidades e competências traz uma única menção que pode ser entendido como os conteúdos da Filosofia que é quando deixa explícito: “Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais” (BRASIL, 2018a, p. 560).

Em outro ponto quando aborda sobre: “O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos” ((BRASIL, 2018a p. 564).

Sendo que pode-se entender que a citação relacionada a analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, não está diretamente relacionado a nenhuma habilidade ou competência específica da Filosofia enquanto disciplina, mas está relacionada a filosofia como uma competência linguística, no que tange ao segundo ponto do documento citado acima, o que se espera da Filosofia que é confuso, sirva ao papel de fazer os jovens entenderem sobre a ética numa abordagem histórico-sociológica, através da reflexão.

Quando a Filosofia e sua obrigatoriedade para o ensino médio são excluídos da LDB e com todas essas mudanças que foram introduzidas no ensino médio, pode-se compreender que a disciplina de Filosofia tem a sua permanência no currículo ameaçada, pois existe uma diluição da disciplina em abordagens esparsas de alguns temas filosóficos, como visto acima, que podem ser tratados como conteúdos interdisciplinares, não existindo a necessidade da disciplina em si e nem do professor de filosofia para tal.

Nesse sentido Rocha (2017, p.95), coloca que:

A abordagem interdisciplinar visa a temas que pela sua natureza demandam conhecimentos produzidos disciplinarmente e é evidente que qualquer abordagem interdisciplinar implica uma atitude de reconhecimento e respeito pelo conhecimento disciplinar.

Ao abordar a interdisciplinaridade no âmbito educacional Rocha (2017), está colocando que para existência dela, se faz necessário o conhecimento da disciplinaridade, ou seja, da disciplina, seus conteúdos e conceitos, com isso entende-se que o “interdisciplinar escolar não deve entrar em conflito com as disciplinas, nem aspirar a unidade do saber, ou significar a salvação da fragmentação dos conhecimentos (ROCHA, 2017, p. 95).

Ao se compreender que a Filosofia dentro do Novo Ensino Médio acabou por ser colocada de lado como uma disciplina e como um ramo do conhecimento que é importante para a formação dos estudantes brasileiros, deve-se entender que mesmo com isso a disciplina de Filosofia não perde o seu papel formativo e reflexivo e deve ser entendida como uma das bases para o conhecimento científico.

2.2.3 O papel Formativo da Filosofia

A Filosofia ao longo da história da humanidade e de do desenvolvimento das sociedades, foi influenciada e influenciou todos os ramos do saber e a construção dos conhecimentos. Sendo que a Filosofia como uma área do saber se desenvolveu devido a demandas dos sujeitos e da sociedade. Nesse sentido desde o seu início a Filosofia teve como objetivo o entendimento, a análise, a decifrar e delinear as principais indagações que a humanidade colocava sobre a existência (COSTA NETO, 2003).

A Filosofia, em sua etiologicamente, significa amor pela sabedoria. Sendo que foi desenvolvida para ver o ser humano e a sua realidade de forma racional, sendo a Filosofia a responsável por apresentar para a humanidade diversos conceitos e princípios importantes, tais como a razão, a racionalidade, a política e a ética (LEAL, 2020).

Dito isso, deve-se compreender que no âmbito das ciências humanas, a Filosofia se apresenta como uma área do conhecimento que é fundamental para todos os seres humanos, pois proporciona para todos a prática da análise, da reflexão e da crítica, com isso beneficiando os sujeitos e a sociedade.

A Filosofia ao longo de toda a sua história, que acompanha a grande parte da história da humanidade, pode ser entendida como um empreendimento educacional fundamental para o avanço das civilizações, com contribuições que vão no sentido de constituir ideias, conceitos, argumentos e interpretações sobre a realidade, tendo como sua base uma atividade crítica para a formação humana que é de extrema importância para o âmbito do pensamento (ZUCCHI, 2019).

Sobre a Filosofia como uma disciplina escolar para a educação brasileira, pode-se compreender que desde 1996 com a promulgação da LDB, a disciplina escolar foi sendo incorporada ao currículo, sendo que na legislação estava proposto que todos os estudantes ao findar o ensino médio deveriam apresentar conhecimentos sólidos sobre essa área do saber humano (MONTEIRO, 2011).

Mesmo que a presença da Filosofia foi colocada em muitas situações desde a promulgação da LDB, como transversal ao currículo, a disciplina ainda se fazia presente e foi ganhando espaço dentro do ambiente escolar. Nesse sentido Fávero et al (2004, p.261), colocam que:

Em uma escola ainda fortemente disciplinar, relegar a filosofia à transversalidade tenderia não apenas a diluir a especificidade da filosofia em meio aos estudos que realmente contam no currículo como também aprofundar a situação de precariedade que se imputa aos professores de filosofia no país.

Para Oliveira (2000), a disciplina de Filosofia foi se legitimando no ambiente escolar através dos professores, alunos e das instituições, pois foi sendo entendido que a filosofia tem o potencial de formação humana, no sentido de busca por conhecimentos, busca pela reflexão e a crítica.

Uma vertente que busca sempre promover uma formação educacional e cultural que promova uma verdadeira transformação social, que a pessoa se sinta verdadeiramente inserida dentro de um contexto, algo que faz toda a diferença em prol desse processo de socialização.

Com efeito, a oferta da disciplina de filosofia representa uma mudança drástica na educação nacional, haja vista que, se ensina valores das mais diversas formas para a vivência em sociedade por parte do alunado, sem que se atribua a formação de valores e que preza pelo enriquecimento cultural.

Para Alves (2016, p.06):

No ensino de filosofia na escola, o problema não é conhecer a história da filosofia em detrimento do aprender a filosofar, e sim trabalhar a história da filosofia mecanicamente, de modo não filosófico. A questão fundamental é de fundo metodológico, no sentido de pensar em como promover uma educação filosófica que não seja descontextualizada, desconectada da vida dos jovens estudantes do ensino médio e sem relação com a própria filosofia.

Pode-se compreender que para a disciplina de Filosofia se colocar dentro do ambiente escolar como uma disciplina fundamental, foi um percurso que teve um amadurecimento das instituições, dos professores e dos alunos como sendo os principais disseminadores da importância da disciplina, com isso pode-se compreender que na atualidade com a adoção do Novo Ensino Médio, a Filosofia acaba por se colocar no ambiente escolar em uma situação de vulnerabilidade quanto aos seus saberes.

Deve-se entender que a sua presença com a nova estruturação da educação não está mais garantida na grade curricular, com isso pode-se compreender que para o Novo Ensino Médio, que é pautado em questões de uma formação dos alunos para o mercado de trabalho e para a conformação da sociedade como se encontra a Filosofia como uma disciplina que encoraja os alunos a buscar respostas e questionar a sociedade está fadada a desaparecer, causando grandes prejuízos para as próximas gerações.

Pois conforme Rocha (2008), quando aborda que a Filosofia pode se relacionar com outras áreas do saber, mas deve-se entender que para que isso aconteça, os alunos no ambiente escolar devem ter a disciplina de Filosofia presente em seus currículos, para compreensão dos desdobramentos da Filosofia em diversos ramos de conhecimento. Rocha (2008, p.33), salienta que “As perguntas da

Filosofia também não são as mesmas que os geógrafos, historiadores, sociólogos e psicólogos fazem”.

Mesmo com essa compreensão de que cada área de conhecimento tem suas especificidades, conforme coloca Rocha (2008), o Novo Ensino Médio ignorou essas especificidades dos componentes curriculares, pois novamente recorrendo a Rocha (2008, p.12) a especificidade da Filosofia é “materializar no trabalho em sala de aula o funcionamento dos dispositivos que tornam filosóficos um texto, uma conversa, uma discussão.”

A Filosofia historicamente se coloca como uma disciplina que é complexa, sendo que quando está no currículo e nas legislações educacionais e sendo transmitida em suas especificidades em sala de aula tem o potencial de trazer grandes contribuições para a educação.

Pois, é a partir da Filosofia que se pode pensar sobre os problemas que são constantes na história e no cotidiano, com a Filosofia que se pode aprender a pensar em recursos para os problemas atuais que a sociedade enfrenta, para além disso formular novos questionamentos sobre a sociedade, buscando respostas, sendo que o pensar filosoficamente é um ato de pensamento crítico e ao mesmo tempo criativo.

Com a Filosofia, pode-se pensar sobre o que foi pensado anteriormente por outros pensadores e ao mesmo tempo construir um pensamento próprio e autêntico, com isso abrindo possibilidades para o novo. Sendo que é isso que distingue o ato de pensar da Filosofia com relação a outras áreas de conhecimento, ser crítico e criativo, sobre um pensamento que foi em seu determinado tempo e espaço crítico e criativo da mesma forma.

Com isso pode-se entender que a Filosofia em seu arsenal de saberes e conhecimentos é ao mesmo tempo teoria e prática, por teoria pode-se entender que é a série de ideias elaboradas em forma de discursos filosóficos, a prática é o seu modo de apropriação. Ou seja, os sujeitos aprendem a fazer Filosofia quando aprendem a filosofar, isso demonstra uma íntima relação entre o processo e o produto.

Sobre isso Lipman (1992, p.10) coloca que:

O pensar e a discussão filosófica geram o próprio pensar que se busca desenvolver nos alunos “dentro de um contexto humanístico da filosofia no qual os alunos experienciam relevância cultural e rigor metodológico”. É

essa estreita identificação entre processo e produto que torna a filosofia uma disciplina tão valiosa dentro da educação primária e secundária.

Deve-se compreender que com o Novo Ensino Médio, a Filosofia acaba por perder esse caráter que é a sua especificidade de construção e renovação, perdendo com isso a identidade constituinte da disciplina. Sendo que na Filosofia a matéria e a forma se encaixam e são interdependentes, nesse sentido só pode existir um pensar filosófico quando se filosofa sobre a Filosofia.

As escolas públicas brasileiras sofrem com a falta de maturidade em seus ideais, principalmente no fato de focar suas ações perante os alunos, fazendo com que tudo gire ao redor dos mesmos, no entanto, além da falta de recursos, uma vez que, a quantidade investida nas escolas públicas é muito aquém do que realmente é necessário, os professores e demais profissionais que trabalham na escola se sentem extremamente desvalorizados.

O real objetivo da disciplina de filosofia é proporcionar a melhor condição possível para um número maior de pessoas, uma vez que, são as pessoas que auxiliam e acima de tudo financiam esse sistema, com a cobrança de impostos que são realizadas, a população literalmente financia a educação pública, e essa captação de recursos está longe de ser considerada como insatisfatória, o que já não é o caso das escolas públicas

Segundo Cerletti (2009, p.80-1), sobre a filosofia:

Filosofar é atrever-se a pensar por si mesmo, e fazê-lo requer uma decisão. Há que atrever-se a pensar, porque supõe uma maneira nova de relacionar-se com o mundo e com os conhecimentos, e não meramente reproduzi-los. E isso implica incerteza. Pensar supõe que há algo novo com o que alguém se confronta. É uma atitude produtora e criadora, não é meramente uma reprodução ou repetição do que há.

Pois o ato de aprender a pensar torna a inteligência dos sujeitos em determinada época e sociedade autônoma, com isso pode-se compreender quando Gallo (2012, p.54) salienta que o filosofar:

Possibilita uma postura de crítica radical: a atitude filosófica é a da não conformação, do questionamento constante, da busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas.

O Novo Ensino Médio como foi pensado e como foi posto em forma de Lei para reestruturar toda a educação brasileira nessa etapa da educação básica, faz

com que a Filosofia perda seu lugar no ambiente escolar como uma disciplina que possibilita os estudantes a questionar a sociedade, a formular pensamentos críticos e criativos sobre essa sociedade.

A Filosofia acaba por se tornar vulnerável em sua identidade como uma disciplina que busca responder grandes questões da humanidade, para além busca incutir na humanidade novos questionamentos e críticas sobre essa mesma sociedade.

Por fim, o Novo Ensino Médio ao excluir a Filosofia está moldando uma geração de sujeitos que se conformará com as grandes questões de seu tempo, tais como a desigualdade social, a preservação do meio ambiente entre outras que devem ser pensados por todos os sujeitos sociais de maneira filosófica e de maneira criativa, deixando o espaço antes ocupado pela Filosofia para disciplinas e itinerários formativos que não abordam a importância do pensamento, formando sujeitos aptos para uma sociedade baseada no trabalho e não no ato de pensar de forma autônoma e crítica como deve ser a sociedade (ARAÚJO, 2010).

2.3 BARREIRAS EXISTENTES PARA LECIONAR FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Quando se fala em filosofia no ensino médio, é possível identificar todos os benefícios que esse tipo de conteúdo oferta a formação pedagógica do alunado, uma ciência que estimula o raciocínio e o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

A contribuição da disciplina de filosofia para a formação dos estudantes é inegável, tanto que existem discussões sobre a ampliação da oferta desse conteúdo para os alunos do ensino médio, em prol de uma formação social mais abrangente.

Com efeito, também é preciso dizer que existem algumas barreiras para que esse tipo de conteúdo seja ofertado de uma maneira mais abundante para os educandos, em outras palavras, a disseminação da disciplina de filosofia por parte dos professores do ensino médio, não ocorre da maneira ideal, e nem mesmo como esses profissionais acreditam ser próximos disso (CARTOLANO, 2015).

Por se tratar de uma disciplina que oferta um número baixo de aulas, existe sim a dificuldade de os educadores conseguir fechar os seus respectivos padrões de aula, nessa tocante, muitos docentes até apresentam o interesse de estudar e se

graduar em filosofia, todavia, analisam de maneira metódica o custo-benefício e muitas vezes, escolhem outra disciplina (ZANATTA; SELOGUTI, 2008).

Pode-se afirmar que a organização da grade curricular brasileira, representa um dos principais desafios, para que as aulas de filosofia simplesmente não tenham muito espaço, e com isso, forma-se uma quantidade ínfima de profissionais, a mais do que conhecida lei da oferta e da procura, que também invade a educação nacional.

Em outras palavras, um aluno do ensino médio na grande maioria das instituições de ensino, sequer possui um livro didático para acompanhar o conteúdo que é repassado pelos educadores, o que já denota certo descaso com essa estratégia de ensino.

Isso quer dizer que é preciso que haja uma reestruturação do ensino médio, principalmente em relação aos materiais que são ofertados aos estudantes, essa é uma questão de extrema importância a ser debatida de uma maneira mais intensa (GERMANO, 2011).

Segundo Severino (1997, p.53):

É na escola que o jovem tem que encontrar um modo de preparação para a vida, para suas relações e para seu meio. É na escola também que, juntamente com outras disciplinas, a filosofia deve atuar como crítica dos sistemas vigentes, rompendo com as amarras que por muitas vezes prendem professores e gestores de ir além do ensino que só prepara para uma possibilidade depois que o aluno sai da escola. O caminho da transformação perpassa o da educação, pois é esta que prepara o território em que o aluno deve trilhar seu caminho em vista de um modo de vida que ele seja o construtor.

É preciso levar em consideração a importância que possui o ensino médio, a fase em que os estudantes se encontram, e claro, a eminência de seu processo de socialização, isso é algo fundamental para mostrar a necessidade de haver uma formação pedagógica mais enriquecedora.

Tanto que no período noturno, uma parte significativa dos estudantes já são trabalhadores, ou seja, já estão inseridos em um processo socialista, e tem o direito de compreenderem tudo o que acontece a sua volta, algo que a filosofia ao ser ofertada de uma maneira enriquecida é capaz de oferecer (SEVERINO, 1997).

No entanto, trata-se de um caminho extremamente longo para os educadores da disciplina de filosofia, trabalharem da maneira com que os mesmos acreditem serem a ideal, até porque se trata de um conteúdo rico e ao mesmo tempo vasto.

O estudante no ensino médio, já deve estar preparado para viver em sociedade, ou pelo menos, em fase avançada dessa preparação, o que acaba não ocorrendo pelo fato de a disciplina de filosofia não ser ofertada de uma maneira qualificada.

Pelo contrário, trabalha-se a disciplina de filosofia de uma maneira muito pragmática, e esse é um grande erro, uma vez que, deixa-se de ofertar conhecimentos significativo para a construção dos estudantes, é isso o que necessita ser mudado (OLIVEIRA, 2013).

O trabalho dos professores que atuam no ensino médio na atualidade como altamente complexo, com falta de apoio por parte da escola como é realizada a grade curricular nacional, dotado de muitas dificuldades, inclusive, com uma grande falta de tempo para essa prática.

A disciplina de filosofia, é a que sem dúvida, explanava de maneira mais sucinta a formação educacional dos alunos, de uma maneira que houvesse uma maior compreensão em relação à diversidade, mostrando como é fundamental que as pessoas compreendam as diferenças existentes (MORAES, 2003).

Além da dificuldade com o tempo, que é um problema que necessita ser superado, para se ofertar um conteúdo mais qualificado para os alunos do ensino médio, também é preciso levar em consideração as limitações propostas pela falta de recursos (ANDRÉ, 2010).

A partir do momento em que os educandos descobrem o potencial e a transformação oferecidos pela disciplina de filosofia, eles próprios passam a ir em busca de mais conhecimento, uma vez que, percebem o quanto esse conteúdo é edificante.

Trata-se de um conteúdo que tinha como meta explorar as diversas diferenças que existem no país, e como a diversidade era algo que necessitava ser compreendido pelos educandos, até para que haja um suporte em prol do desenvolvimento social desse público.

Quando o professor apresentava o tema diversidade nas escolas brasileiras, trabalhava de maneira enfática, demonstrando com detalhes como havia diversos problemas para que houvesse uma aceitação em relação às diferenças sociais existentes (SAVIANI, 2000).

Os estudantes do ensino médio, já se encontram em vias de se promover um ingresso no modo como à sociedade se desenvolve e se organiza de uma maneira muito mais intensa, ou seja, estão próximos de serem incorporados pelo sistema.

Para se ensinar filosofia, é de extrema importância que o educador se alinhe as necessidades que os educandos possuem, essa tônica, depende muito da reestruturação de um trabalho que possa ser atrelado ao que o educando aguarda (MONENTE, 2011).

No entanto, existem uma série de questões que necessitam serem debatidas e de uma maneira mais intensa, como, por exemplo, a ótica que os estudantes denotam para o nível de informações que irão receber durante essa aula (RIBEIRO, 2001).

Nem sempre os estudantes conseguem classificar a filosofia como uma disciplina de extrema importância social, eis uma questão de extrema importância para a sociedade, que espera uma evolução contínua por parte das futuras gerações.

Quando se aborda a filosofia, ou seja, quando se ensina esse tipo de conteúdo para os estudantes, não há como deixar de citar as qualidades e os ideais que os filósofos gregos possuíam, em outras palavras, sem a oferta ou o preparo de uma grande quantidade de informações, o mesmo terá limitações para traçar esse paralelo entre o passado e a atualidade.

Em outras palavras, trata-se de uma condição basilar, para que o aluno se esforce a fim de entender o que é a filosofia, como a mesma ensina uma série de valores, que são fundamentais para o modelo de vida em sociedade (ROMANELLI, 2009).

O mister de ensinar filosofia não pode desvincular-se do próprio exercício original, sendo esse o principal fator que dificulta a formação discentes, e mais do que isso, quanto ao fazer-se pensamento filosófico e urge aos professores perceberem-se ativos nesse processo, principalmente na função de incentivadores.

No tocante ao pensamento filosófico, apresenta-se como uma necessidade que os educandos possuem de compreender essa ciência com um olhar mais crítico, enriquecedor e menos pragmático, por essa razão, pode-se dizer que as aulas práticas, apresentam-se como uma necessidade de reflexão sobre os

conteúdos que serão abordados de uma maneira íntegra e livre de qualquer tipo de limitação de conteúdo.

As aulas precisam ser uma troca de olhares mais atentos e minuciosos aos paradigmas, não apenas com o intuito de um descarte ou sobreposição de ideia postulada, mas também para dimensionar como essas ideias podem participar do presente e/ou pertencerem ao futuro enquanto relação com o mundo (GUATTARI, 2007).

O professor necessita pensar e estimular pensamentos, a partir de problemáticas que fazem correlações e sentido ao seu mundo e dos seus alunos. Por outro lado, temos a perspectiva do papel do ensino na construção de um pensamento crítico do discente.

Os estudantes, ao serem convidados para o conteúdo prático da leitura das narrativas filosóficas, poderão se aproximar dos personagens presentes no livro de tal modo que, através desse encontro, poderão surgir pensamentos e sentimentos idênticos ou diferentes daqueles que foram sentidos pelos personagens principais.

Sempre é complexa a tarefa de se promover uma reflexão em relação aos conteúdos a serem escolhidos pelos docentes, isso pelo fato de que quase nunca existe um planejamento para a oferta desse tipo de ensino (TORRES, 2010).

Pode-se dizer também, quase uma afirmação, em relação ao ato de haver muitos religiosos que lecionam a disciplina de filosofia, o que deve ser considerado como um erro crasso, e que não poderia ser realizado de maneira alguma (TARDIF, 1997).

Não se trata de nenhum tipo de desmerecimento em relação às condições cognitivas que os líderes religiosos possuem, pelo contrário, apresentam vasto conhecimento, e podem sim, repassar diversas informações importantes para os estudantes.

No entanto, não há nenhum tipo de lógica a escola brasileira defender e adotar o modelo laico, e ter em seu ínterim, algum profissional que seja um representante de alguma doutrina religiosa, essa é a ótica que as pessoas que gerenciam a educação necessitam adotar (TORRES, 2010).

É fundamental que esse modelo laico que existe na educação brasileira seja preservado, essa é uma questão de extrema importância a ser debatida de uma maneira mais íntensa, no entanto, o papel que a escola brasileira possui de uma

maneira muito clara, de culturalizar os estudantes, principalmente que os mesmos saibam conviver de uma maneira sadia a harmoniosa com as demais pessoas (SILVA, 2007).

O problema que mais preocupa na oferta do ensino de filosofia, é que existem famílias que simplesmente não compreendem de uma maneira muito clara o que representa os demais ensinamentos bíblicos que não possuem o mesmo ideal que os seus.

Isso quer dizer, que o fanatismo religioso representa algo de extrema importância a ser repellido, e essa é uma mentalidade que os educadores da disciplina de filosofia possuem, e para que isso ocorra, nada melhor que seja um profissional que apresente um nível de conhecimento mais abrangente nesse sentido (ULHOA, 1998).

Não que a pessoa que irá trabalhar a disciplina de ensino religioso deva ser desprovida de qualquer religião, pelo contrário, grande parte dos dogmas religiosos atuais, apresentam-se como um nível de conhecimento de extrema importância, no que diz respeito há uma cultura de ética e moral, bem como a defesa de uma conduta que beneficia a sociedade como um todo.

Existem diversas crenças religiosas no país, que literalmente não são aceitas e esse é um assunto que necessita ser debatido de maneira profícua, uma vez que, trata-se de um conteúdo extremamente preciso, a fim de analisar de maneira clara alguns dos principais fatores que limitam a importância do ensino de filosofia (NEVES, 2014).

Quanto a essas doutrinas, as religiões de origem africana, por exemplo, são taxadas como falsas por grande parte da sociedade, e mais do que isso, seus praticantes são observados de uma maneira extremamente preconceituosa, eis uma questão muito comum, principalmente por parte de pessoas que se definem como cristãs.

Pessoas que apenas adotam a mentalidade de que Jesus é a única divindade existentes, e que qualquer outro tipo de figura venerada pelas pessoas, deve ser acusado como paganismo, uma visão que cada pessoa tem o direito de defender, ou seja, de acreditar nos ideais que a sua fé possui, no entanto, analisando do ponto de vista social, trata-se de uma questão amplamente danosa e maléfica (KUSANO, 2009).

Essa mentalidade preconceituosa é o que deve ser combatida de uma maneira mais ampla para a sociedade, esse é o ponto mais importante a ser destacada e de uma maneira mais edificante, a fim de que as pessoas aprendam a conviver e respeitar as diferenças existentes, eis uma questão fundamental e que necessita ser sempre reforçada com a presença de um profissional com um nível de senso de socialização muito mais abrangente (TORRES, 2010).

2.4 COMO BENEFICIAR AS AULAS DE FILOSOFIA EM PROL DE UMA MELHOR FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

A grande questão a ser debatida, é a maneira como seria possível beneficiar a formação pedagógica dos estudantes através da filosofia, ou seja, que o alunado passasse a visualizar essa ciência como sendo mais próxima a sua realidade, e não algo que apenas ajudou a construir a organização social.

Em outras palavras, os educandos necessitam voltar a analisar o fato de que o ensino de filosofia, apesar de ser considerado como extremamente empírico, se aplica ao dia a dia, e mais do que isso, promove uma grande transformação humana.

Uma metodologia de ensino que precisa ser vista como atraente, mas, de uma maneira mais individualista, infelizmente, existem ainda muitas pessoas que apenas observam o viés sociológico que a disciplina de filosofia apresenta (FREIRE, 2001).

É preciso explicar de maneira mais clara o que representa esse viés individualista que a filosofia apresenta, mais precisamente, como um conjunto de normas que se fazem necessárias que a pessoa deva adotar, para vir a se tornar um cidadão de bem no futuro.

Em outras palavras, trata-se de uma ciência que liga-se a sociologia, quanto a isso não há dúvidas, no entanto, trata-se de uma questão basilar que os educandos saibam como a filosofia apresenta outros apontamentos e abordagens distintas (AYRES, 2007).

Um exemplo muito prático, que denota de maneira clara como a filosofia agrega a formação individualista é em relação a moral, ou seja, as condutas que os

seres humanos devem adotar, para que possam conviver melhor e com harmonia na sociedade, ao mesmo tempo em que o ser humano necessita saber distinguir o que é certo e errado, e como as suas decisões podem ser decisivas para a sua vivência.

A filosofia mostra de maneira muito clara como no passado, uma série de fatores que ocorriam com esses indivíduos, quando a sociedade se rebelava contra esses indivíduos, como se mostrava revoltada contra aqueles que nem sempre sabiam respeitar os limites da coletividade.

Nesse sentido André (2010, p. 43), coloca que:

Esta uma das razões para que a filosofia não seja esquecida: o uso reflexivo que ela dispõe para o sistema educacional. A filosofia abdica de um rico teor reflexivo e crítico que o meio educacional precisa para seu melhor desenvolvimento. Em tempos recentes a filosofia foi excluída dos currículos escolares por apresentar essa consciência crítica, pondo em dúvida toda forma de metodologias, analisando-as, combatendo-as quando necessário e fazendo com que o indivíduo tenha consciência de si e dos direitos enquanto homem.

No entanto, o problema maior não é o educador em si, mas, as condições de trabalho que os educadores possuem, para que o plano de aula seja elaborado de acordo com o potencial que a disciplina apresenta (ARAÚJO, 2010).

Em outras palavras, é fundamental que a educação como um todo, se preocupe de uma maneira muito maior em aproveitar todo o enorme potencial que a disciplina de filosofia apresenta, a maneira como pode contribuir com o público discente.

O ensino de filosofia deve provocar o desejo do saber. Lançar um olhar questionador no ambiente na qual se efetiva o ensino filosófico é fundamental e, conseqüentemente, salienta a sua prática inerente, assim, é deveras que o perguntar filosófico é, então, o elemento constitutivo fundamental do filosofar e, portanto, do ensinar filosofia (CERLETTI, 2009).

Isso não pode ser realizado com uma quantidade de aulas tão escassa, e quem sofre com isso são os educadores, uma vez que, acabam tendo dificuldades para descobrirem que os estudantes apresentam algum tipo de dificuldade.

Traça-se informações interessantes sobre a falta de cultura e aceitação que as pessoas tinham no país no passado, claro que o problema da diversidade continua existindo, no entanto, o professor de história trabalha com uma mentalidade mais abrangente, mostrando como a formação desse tipo de problema possui um

viés histórico muito enraizado, beneficiando a construção de um maior desenvolvimento crítico sobre as transformações sociais (OSLO; LUCKMANN, 2015).

Aumentar o número de aulas no ensino médio para o professor de filosofia realizar um trabalho mais profícuo, é algo que vem sendo ponderado há algum tempo, e que, no entanto, não vem sendo colocada em prática (ARANHA, 2000).

No entanto, é de suma importância pensar que a escola brasileira sempre tenta se adequar as tendências sociais, e isso explica a maneira como as concepções de educação acabam sofrendo com algumas mudanças, como disciplinas que entram e saem da grade curricular (MACIEL, 2000).

Algo que não é fácil de ser colocado em prática, tanto que no passado, o estudante que chegava ao ensino médio, poderia escolher entre estudar o ensino geral, ou fazer contabilidade, ou seja, disciplinas com vertentes matemáticas.

Muitas pessoas defendem com muito ativismo o currículo flexível que as escolas brasileiras poderiam ofertar ao seu alunado, todavia, é crucial entender como a filosofia se encaixa perfeitamente em qualquer estratégia de ensino, uma vez que, se trata de um conhecimento que agregara os valores necessários para a vida em sociedade (MACIEL, 2000).

Como se trata de um profissional que tem como meta promover uma reflexão nos estudantes, principalmente em relação às condições sociais em que os mesmos se encontram inseridos, na realidade, o docente da disciplina e filosofia pode ser nomeado como um agente de transformações, cuja capacidade cognitiva representa um viés de extrema importância (DUTRA; PINO, 2010).

Um profissional que a todo o momento desafia o pragmatismo, a repetitividade, que premia a habilidade, o diálogo e a partilha do conhecimento, sempre disposto a pensar em seu alunado como as pessoas que apresentam a capacidade de promover uma grande melhora na qualidade da vivência em sociedade.

De uma maneira geral, as aulas de filosofia são estimulantes para os educadores, principalmente quando se trata de conhecimentos complexos, mas, que se encaixam perfeitamente na realidade desse alunado (COSTA NETO, 2003).

Uma ciência que pode ser considerada como extremamente social, humanística, que acompanha a trajetória humana desde a sua formação, analisando

de uma maneira pormenorizada a projeção e o modelo de vida em sociedade que o ser humano adota.

Principalmente pelo fato de estimular as pessoas a pensarem, essa é uma questão sempre coercitiva, quando a escola se prepara para ofertar essa disciplina, todavia, de uma maneira extremamente enriquecedora, que elenca diversos fatores fundamentais para a vida em sociedade (SANTOS, 2005).

Do mesmo modo que os estudantes necessitam aprender o que é a filosofia, como se trata de uma ciência enriquecedora e que se ajustam as necessidades que as pessoas apresentam, pelo poder de culturalização que ela oferta.

No entanto, trata-se de uma questão fundamental pensar em como a sociedade depende muito desse tipo de conhecimento que a filosofia apresenta, por essa razão, as escolas necessitam transformarem a sua concepção em relação à formação de métodos de transmissão desse tipo de conteúdo fundamental que haja uma mentalidade mais específica em relação a formação dos educandos, em relação ao ponto de vista de socialização, contudo, é um trabalho que já poderia ter sido realizado há muito mais tempo, porém, nem sempre a educação brasileira apresentou esse suporte (ROMANELLI, 2009).

Com efeito, o que é a socialização é o que necessita ser conhecido de uma maneira mais intensa, como, por exemplo, o que a sociedade espera das novas gerações, e como se planeja sanar os problemas que a vida atual em comunidade possui.

O primeiro passo é um rompimento definitivo com uma visão mais simplista, que as pessoas ainda possuem em relação as suas expectativas de vida, e como a escola possui papel de extrema importância nesse sentido, algo que é capaz de promover uma verdadeira transformação (ROMANELLI, 2009).

Essa mentalidade que muitas vezes pode ser considerada como medíocre, ocorre pela falta de visão de muitas pessoas, por exemplo, os indivíduos que embasam suas vidas, muito mais voltadas para o viés capitalista do que o cultural.

Em outras palavras, pessoas que realmente se preocupam com o desenvolvimento de uma sociedade como um todo são muito mais raras do que as que apresentam uma mentalidade mais individualista (PARRUDO, 1998).

Entretanto, como compreender a socialização atual, é um grande desafio, e para que isso ocorra, é preciso que se volte as condições que fizeram com que a sociedade chegasse ao patamar que hoje se encontra (DELORS, 1996).

O aluno, ou melhor, o futuro cidadão, necessita de informações, da obtenção de uma quantidade mais elevada de conhecimento, e isso apenas uma formação educacional de qualidade é capaz de oferecer de uma maneira mais concreta.

A educação corresponde a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e de caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, religiosas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. Implica, portanto, “uma busca realizada por um sujeito que é o homem” (FREIRE, 2001, p.70).

Com efeito, não se podia mais pensar apenas no viés econômico, que era a principal tônica do processo de socialização no passado, pelo contrário, trata-se de uma mentalidade que realmente foi libertadora, em outras palavras, fazer com que o senso de coletividade passasse a imperar na sociedade há algumas décadas atrás (MARRONE, 2008).

Esse fator de socialização, possui uma conotação completamente diferente em relação a cada localidade, em outras palavras, conta muito o grau de instrução da população, e o desejo de haver uma qualidade de vida mais digna para todos. O fato é que a formação de pessoas tem se transformado em um todo, preparando os educandos para a vida que levarão futuramente.

Em outras palavras, as pessoas não podem ser consideradas realmente formadas, se não houver um trabalho de embasamento, em relação ao conhecimento cultural e social desses indivíduos, sobre como as coisas acontecem, essa é uma questão de extrema importância a ser trabalhada pelo processo de formação pedagógica.

É através da filosofia que o pensamento lógico e crítico são estimulados, auxiliando a compreensão, transformação, construção e preservação de concepções abrangentes de mundo. A filosofia visa estudar e interpretar ideias ou significações gerais como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, subjetividade, objetividade, diferença, repetição, semelhança, conflito, contradição, mudança, etc (MARCONDES, 2008).

A escolarização básica constitui instrumento indispensável à construção da sociedade democrática, porque tem como função a socialização daquela

parcela do saber sistematizado que constitui o indispensável à formação e ao exercício da cidadania. As escolas brasileiras podem e devem fortalecer-se como agências privilegiadas de formação para a cidadania (LIBÂNEO, 1991, p.35).

Nem sempre existe essa mentalidade de que as pessoas necessitam aprender novas formas de conhecimento, algo que não esteja apenas relacionada com a cognição no sentido de leitura e formação educacional, em outras palavras, as escolas possuem uma relevância muito maior do que isso (OLIVEIRA, 2000).

Escola precisa trabalhar como questões como política, vulnerabilidade social, políticas públicas, e claro, as divisões sociais que existem em camadas, e que não atingem as necessidades de conhecimento que a população precisa obter.

Foi-se o tempo em que as pessoas tinham que se preocupar em obterem uma formação mais específica, em outras palavras, se especializarem em algo, hoje, a necessidade é de haver um conhecimento vasto de tudo o que existe, esse é um grande diferencial (OLIVEIRA, 2000).

Nem sempre se trata de um trabalho que possa ser considerado como simples, contudo, é algo que faz grande diferença para a formação de uma mentalidade mais abrangente, e que faça a diferença em prol do processo de culturalização e socialização (RIBEIRO, 2001).

Uma nova concepção ampliada de educação deve fazer com que todos possam descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo - revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordens econômicas), e se passe a considerá-la em toda sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser (DELORS, 1996).

2.5 O CONHECIMENTO EMPÍRICO OFERTADO PELA FILOSOFIA

Os filósofos pré-socráticos, não desfrutaram de grande prestígio devido ao sucesso e a fama dos que vieram exatamente após eles, como Platão, Sócrates e Aristóteles, no entanto, isso não quer dizer em hipótese alguma que não havia valores em suas linhas de pensamento (VALEIRÃO, 2014).

Trata-se de uma ciência que visa o questionamento, que não existe nenhum tipo de verdade irrefutável, e que se preocupa sempre em realizarem descobertas, que possam ser capazes de beneficiar a sociedade, em toda a sua capacidade.

A filosofia é interdisciplinar, por seu pensamento crítico funde com as demais disciplinas através do questionamento, espírito de autocorreção, logicidade e a racionalidade. Pode ser trabalhada a partir de temas reais e atuais com diversos tipos de textos orais ou escritos: literário-prosa e verso, jornalismo, musicais pinturas, mas acima de tudo trabalhar os textos filosóficos (NEVES, 2014).

Justamente por essa razão, quando se trata de citar a filosofia como uma ciência extremamente viva, presente, e que se alinha as necessidades culturais que a sociedade apresenta e de uma maneira extremamente ampla, que delimita um raio de ação social muito maior.

Quando se fala em conhecimento da disciplina de filosofia, não há como deixar de citar o empirismo, o enriquecimento cultural existente, e que nasceu na Grécia Antiga, com pessoas que já possuíam uma capacidade cognitiva absolutamente avançada, e que por essa razão, merecem todo o reconhecimento por parte da população, inclusive, na atualidade (CAVALCANTE, 2009).

A filosofia sobre temas em comum e oferecem um amplo leque de princípios norteadores para as práticas educativas. Estas práticas, por sua vez, são consideradas como o caminho para a educação consciente, livre, plena, engajada e igualitária, para que, pela educação, seja possível construir uma nova sociedade.

Os pré-socráticos apresentam uma linha de pensamento muito voltada para as questões da natureza, como, por exemplo, qual é a origem, a matéria ou princípio da Natureza? Ou ainda, qual é a autêntica realidade? Questões amplamente debatidas entre os populares da época (BORNHEIM, 1993).

Os gregos realmente apresentavam uma grande preocupação em compreender os fenômenos naturais, tanto que os filósofos pré-socráticos geralmente possuíam uma grande ligação com ciências como a biologia, química e a física.

Filosofando pelos meios das ruas de Atenas, a necessidade que os grandes pensadores apresentavam de conhecer tudo o que existia a sua volta, e mais do que isso, da maneira como existia a necessidade de se investigar tudo o que ocorria ao seu redor, de que fazia parte do seu ambiente (FERRETI, 2017).

Assim como o papel que as escolas da época possuíam já naquela época, e mais do que isso, o modo como havia a interpretação de como deveria haver a partilha do conhecimento, eis uma condição fundamental para o desenvolvimento social.

Fundamental citar a escola Jônica, como a principal corrente pré-socrática, onde filósofos célebres como Anaximandro, Tales de Mileto, que talvez, seja o mais famoso dos pré-socráticos, e Anaxinímides como representantes (LUCKESI, 1994).

A Pessoa, portanto, só pode se formar enquanto indivíduo, atingir a plenitude de seu desenvolvimento, se possuir a ajuda necessária que dentro só poderá encontrar em uma comunidade, sendo responsabilidade de a comunidade ajudar a Pessoa a tornar-se aquilo que ela deve ser.

São filósofos absolutamente físicos, e seus respectivos interesses, centra-se em compreender de que a matéria ou “arché” é composta na natureza, em outras palavras, tinham o desejo de obterem conhecimento para compreenderem tudo o que existia a sua volta, descartando tudo o que se relacionava com o mítico ou mesmo com o cunho religioso (MACIEL JÚNIOR, 2003).

Outro fator de extrema importância que destaca os filósofos pré-socráticos, uma vez que, esses passam a quebrar alguns tabus que já existiam na Grécia antiga, estes substituíam as explicações antropomórficas dos mitos por elementos naturais, e que o elemento original para a formação da vida era a água, a terra, o fogo e o ar.

Em outras palavras, tudo teria alguma explicação voltada para a natureza, e se concentravam em encontrar respostas para conseguir explicar tal coisa, sempre lembrando que os filósofos pré e socráticos tinham uma peculiaridade em comum, a investigação sendo realizada de maneira minuciosa.

Ao olhar para o céu, os gregos se perguntavam quais as razões desses fenômenos, e impossível não citar os estudos sobre o espaço e os corpos celestiais realizados por Tales de Mileto, considerado por muitos como o principal astrônomo e matemático da Grécia antiga e do planeta em seu período contemporâneo (SILVA, 2007).

Pitágoras também tem grande importância pelo conhecimento e seriedade com que exaltou a matemática, segundo ele, tudo na vida era composto por

números, e por fim, também é muito importante citar Parmênides como um filósofo brilhante também.

Pitágoras foi um pensador envolto em elementos legendários, o que faz ficar difícil distinguir nele e em seus discípulos o histórico do fantástico. Apesar de tudo isso, ele não deixa de ser uma pessoa muito importante no desenvolvimento da história do saber. Ele não deixou escritos; historiadores atribuem três textos trabalhados por ele, que versam sobre a educação, o homem de estado e a natureza (MACIEL JÚNIOR, 2003).

Cabe destacar a maneira como os gregos se respeitavam, ainda que apresentassem crenças distintas, em outras palavras, havia algumas correntes filosófica, e ainda assim, havia grande respeito e o aprofundamento de estudos que existiam na sociedade, ou que ainda seriam desenvolvidos com o passar do tempo (PEREIRA, 2001).

Uma cultura social que ganhou um nível de representatividade muito mais elevada, e que, por essa razão, trata-se de uma necessidade compreender como essa tendência foi alterada em alguns lugares, de acordo com adaptações e tradições existentes.

A filosofia ocupa-se com a origem, a forma e o conteúdo dos valores éticos, políticos, artísticos e culturais, bem como com a compreensão das causas e das formas de ilusão e do preconceito no plano individual e coletivo, com as transformações históricas dos conceitos, das ideias e dos valores.

Percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, experiência, reflexão, comportamento, vontade, desejo e paixões são alvos da filosofia, modalidades de relação entre o ser humano e o mundo do ser humano conseguem mesmo e com os outros.

Para Ferreti (2017, p.34):

Conforme novos pontos de vista ocorriam, eis uma condição de extrema importância, que denota como a filosofia em maneira alguma poderá ser considerada como um conhecimento em desuso, pelo contrário, trata-se de um conjunto de informações, que remetem a construção de um modelo em que a sociedade se encontra inserida.

A Filosofia foi à primeira tentativa ocidental de se tentar explicar o mundo, a origem das coisas, as relações entre os homens, de maneira racional, e os filósofos

pré-socráticos fizeram essas tentativas, justamente por isso, eram conhecidos como filósofos da natureza ou pré-socráticos e seu período histórico como cosmológico.

Muita coisa mudou na filosofia com os socráticos, até mesmo o período sofreu algumas mudanças na nomenclatura, deixando de ser período da natureza e passando a ser conhecido como clássico ou antropológico (PEREIRA, 2010).

Sócrates, Platão e Aristóteles, apresentavam a sua própria forma de pensar, no entanto, também concordavam e discordavam entre si, e mais ainda de seus antecessores, uma vez que, passou a haver uma preocupação maior com o modelo de vida em sociedade.

O objetivo da tarefa pedagógica exercida por Sócrates era fundamentalmente fazer com que os homens chegassem ao autoconhecimento, ou seja, pensar por si mesmos, sem ter de repetir opiniões que muitas vezes nem paravam para pensar sobre o que estavam falando, ficando presos às opiniões alheias.

As pessoas deveriam se preocupar em obterem um nível de conhecimento maior, e não apenas acreditarem dos ditos populares, que na Grécia antiga eram absolutamente comuns, ou seja, o fato de verem não significa que algo poderia ser explicado de maneira idônea (HESSEN; CORREIA, 1999).

Dessa forma:

Com base nos estudos acerca da teoria do conhecimento de Platão e Aristóteles no que tange às semelhanças e diferenças, destaca-se primeiramente que Aristóteles, ao contrário de Platão, valoriza os sentidos e seus subsídios para o desenvolvimento do conhecimento, enquanto Platão considerava os sentidos pouco confiáveis, proporcionando apenas uma “visão de sombras (PEREIRA, 2010, p. 32).

Sócrates se preocupava com as polis, como seria a manutenção da vida da população, principalmente pelo fato de haver tantas diferenças, principalmente como se tratavam as mulheres, estrangeiros e também os analfabetos.

O fato é que a sociedade atual se encontra dotada de uma série de tabus, e esse é um problema relacionado à falta de informação, de pessoas que não se comprometem a obter um nível de desenvolvimento cultural mais elevado, para que possam compreender as questões sociais existentes a sua volta, a disciplina de história visa promover um maior conhecimento para os educandos, quanto às questões sociais mais latentes da atualidade (TARDIF, 1997).

Em outras palavras, Sócrates já disseminava principalmente conceitos de política, da maneira como a pessoa deveria viver em sociedade, com valores como a ética, ou seja, que todos agissem de acordo com um padrão que fosse considerado como aceitável (LUCKESI, 1994).

Sócrates era um filósofo muito mais voltado a propagação do conhecimento, não é à toa que foi morto por isso, sua inteligência muito acima dos demais, fazia com que os poderosos que já existiam na época, visualizassem esse filósofo muito à frente de seu tempo como uma verdadeira ameaça (MARCONDES, 2008).

Uma mudança simples que Sócrates ofertava em relação ao conhecimento, foi em relação aos métodos da construção do mesmo, ou seja, seria fundamental que as pessoas conhecessem a si mesmas, antes de se tentar compreender tudo o que existe a sua volta, e o que é mais importante, pensar no conceito de coletividade.

Com a atitude de ministrar ensinamentos para as pessoas através do diálogo, caminhando por Atenas, Sócrates tinha como objetivo principal, fazer com que os homens assumissem um compromisso com a ética, a moral e a busca da verdade para que assim, os mesmos pudessem cuidar de sua própria alma e claro, serem pessoas investigativas (MARCONDES, 2008).

A filosofia ao fazer parte do currículo das universidades já no mundo antigo, mesmo que não houvesse ainda essa nomenclatura, apresentava uma contribuição basilar, uma vez que, tinha como meta propor uma formação interdisciplinar, focada na melhoria da educação, em que o acadêmico possa ser investigar para desvendar os fenômenos que ocorrem no mundo e na educação por meio de sua compreensão racional sobre os mesmos (SAVIANI, 2000).

O elevado de pessoas, deve-se ter alguém com autonomia para que se coordenem as ações, e isso não acontece na educação brasileira, e justando esse pluralismo de ideias com a alienação das pessoas, exacerbam-se as possibilidades de haver um fracasso educacional.

Um estilo do filosofar brasileiro no âmbito educacional se caracteriza e se constitui sob a ótica de dois segmentos: o tradicional que incorpora um modelo filosófico influenciado pelo pensamento de determinados autores de modelos clássicos da filosofia ocidental e o progressista que reconhece as condições

históricas que estão se apresentando e que requer uma educação inovadora (ZANATTA, SELOGUTI, 2008).

Conhecendo o passado, através da disciplina de filosofia, o aluno atual inserido no ensino médio, pode entender como foram formadas e porque são desenvolvidas muitas ações que envolvem seu cotidiano, localidade, país e até o mundo (QUEIRÓZ, 2007).

Quando se fala em conhecimento empírico, trata-se de uma grande ferramenta de ensino, e mais do que isso, de uma oportunidade que os estudantes possuem de conseguirem visualizar algumas maneiras de que demonstram como o conhecimento ao longo das gerações, contribuiu de uma maneira fundamental para a socialização da maneira como nós conhecemos na atualidade (SEVERINO, 2003).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou algumas das dificuldades mais acentuadas que os professores da disciplina de filosofia possuem, na disseminação de um trabalho que possa ser considerado mais qualificado, e que promova uma transformação do alunado.

O trabalho docente é entendido como práxis que constitui a atividade profissional. Ao mesmo tempo em que o educador desenvolve a sua atividade profissional, contribui para que mudanças ocorram ao seu redor e, simultaneamente, reconstrói-se pelas experiências.

A disciplina de filosofia é altamente enriquecedora, e por essa razão, deve ser ofertada de uma maneira que permita a expansão do conhecimento dos educandos, e claro, seu desenvolvimento social, de valores que são fundamentais para a sua sobrevivência.

Contudo, é de extrema importância citar como existem diversos problemas que os professores da disciplina de filosofia possuem para a disseminação de seus conteúdos, como a falta de tempo para aprofundá-la o conhecimento dos educandos.

Além da falta de materiais, o que já é uma síntese no ensino médio, e ainda pior na disciplina de filosofia, e que se trata de uma questão altamente preocupante e que deve ser sanada de uma maneira mais emergencial, pela importância que essa ciência possui.

Por fim, trata-se de uma necessidade de identificar quais são as possibilidades que os professores de filosofia possuem para a realização de um trabalho mais qualificado, e que atenda às necessidades que os educandos possuem, em prol de uma socialização e ao mesmo tempo uma formação pedagógica realmente enriquecedora.

Sendo fundamental que esses profissionais da disciplina de filosofia, ao menos tenham mais tempo para trabalhar, essa é uma questão de grande relevância para a formação do alunado inserido no ensino médio.

Filosofia realmente se mostra como uma ciência extremamente rica, de grande contribuição para a humanidade, seus principais expoentes, como é o caso de Platão, Sócrates e Aristóteles, foram figuras céleres conhecidas até os dias de hoje.

No entanto, houve mudanças significativas e que necessitam ser compreendidas, como, por exemplo, a busca por conhecer melhor a natureza e os seus fenômenos, que era uma busca implacável por parte dos filósofos pré-socráticos, também conhecidos como filósofos da natureza.

Eram pessoas que buscavam investigar os fenômenos existentes, sem se deixarem preocupar com os mitos que já havia, bem como com a influência da religião em suas pesquisas e principalmente em suas possíveis descobertas.

Por outro lado, os socráticos apresentavam uma preocupação muito maior com a construção de um modelo de vida apto para se viver em sociedade, ou seja, que buscava se preocupar com a coletividade de uma maneira geral.

De comum acordo, os socráticos debatiam muito sobre a necessidade de haver ética em relação às ações humanas, enquanto o próprio Sócrates citava a ética como fundamental para que as pessoas vivessem de maneira harmônica.

O que demonstra de maneira muito clara, como se trata de uma ciência que ofertou diversos expoentes em prol do desenvolvimento de um código de conduta, ou seja, de uma maior preocupação com as futuras gerações, e claro, deixar um legado para a mesma.

Filósofos que realmente apresentavam uma ótica singular na construção do conhecimento, da culturalização e de se valorizar a todas as pessoas de uma maneira iguais, e claras, em propagar valores que fossem aceitos por todos como o correto para cada habitante da Grécia antiga conservar.

É preciso que se crie um espaço para a Filosofia, desde as séries iniciais, pois quanto mais cedo colocarmos nossas crianças em contato com a reflexão filosófica, mais críticos se tornarão. Poderão aprender a reinterpretar a vida, abrindo novas perspectiva para um futuro mais justo e generoso de nossa sociedade.

Trata-se de uma disciplina de extrema importância para a formação dos estudantes, para uma sociedade que busca alcançar um nível de desenvolvimento que pode ser considerado como edificante, para a construção de uma sociedade mais positivista, culta, organizada e dotada de diversos valores importantes.

Uma ciência que deve sim, ganhar uma valorização maior nas escolas brasileiras, ou seja, que possa ser implantadas experiências enriquecedoras para os educandos, ainda mais os que se encontram inseridos no ensino médio, por já estarem muito próximo do processo de inclusão social.

Algo que a monografia também pretendeu demonstrar, é como os professores da disciplina de filosofia, tem um grande desafio em relação a superar as barreiras existentes para lecionarem seu conteúdo, principalmente pelo pouco tempo que possuem para disseminar tantos conteúdos.

A filosofia deve ser uma disciplina que acompanhe toda a formação dos estudantes, com um segmento, desta forma, a intenção não é de desmerecer os conteúdos, mas de torná-los significativos para os estudantes do ensino médio, pois os novos conhecimentos das disciplinas estabelecerão relação com aqueles conhecimentos que perpassam a vida dos estudantes um cronograma a ser cumprido, uma vez que, o trabalho da escola é desenvolver os estudantes cognitivamente, e de forma fragmentada.

Todas as escolas possuem problemas, estudantes com uma série de limitações e as pessoas acreditam que o monitoramento nas escolas é positivo na detecção mais rápida deles, no entanto, o que deve ser privilegiado é o colóquio, a forma das pessoas se relacionarem, é preciso entender os estudantes de uma forma em que os mesmos se encontrem em aspecto bruto, esse é o diferencial.

Muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

De tudo isto que foi exposto na presente monografia, entende-se que o docente de Filosofia do ensino médio, enfrenta diversos desafios para desenvolver a sua docência voltada a uma nova ótica curricular, precisará ter condições de trabalho que superem, pelo menos, os dois entraves que dificultam a efetiva implementação dessa nova proposta de trabalho.

A reflexão sobre estas dificuldades, antes de pesar no espaço da sala de aula, vem querer ajudar no desenvolvimento de atividades que suscitem a superação de barreiras, o desenvolvimento da excelência de todo ambiente escolar, uma ciência que deveria receber um nível de formação cultural e social de maneira mais proficiente.

Fundamental que se pense na construção de uma sociedade muito mais harmoniosa, que seja crítica e capaz de debater seus problemas de uma maneira muito mais enriquecedora, outrossim, é preciso levar-se em consideração que o conhecimento representa um fator basilar, para que essas práticas possam vir a serem implementadas com qualidade.

Sendo fundamental que esses profissionais da disciplina de filosofia, ao menos tenham mais tempo para trabalhar, essa é uma questão de grande relevância para a formação do alunado inserido no ensino médio.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **Metodologia da filosofia e do ensino de filosofia: tensões e confluências**. In: Revista Ecos, São Paulo, n. 39, jan./abr. 2016.

ANDRÉ, M. **O trabalho docente do professor formador no contexto atual das reformas e das mudanças no mundo contemporâneo**. Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 91, n. 227, p. 122-143, jan./abr. 2010.

ARANHA, M. **Filosofia no ensino médio: relato de uma experiência**. In GALO, Silvio, KOHAN, Walter Omar (org.). Filosofia no ensino médio. 3 eds., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ARAÚJO, R. R. **O paradigma das ciências e suas influências na constituição do sujeito: a intersubjetividade na construção do conhecimento**. In: CAMARGO, M. R. R. M.; SANTOS, V. C. C (Org.). Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

AYRES, Tadeu. **Prática pedagógica competente**. Ampliando os saberes do professor. 3 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes 2007.

BITTENCOURT, R. N. **Pela Afirmação da Importância da Filosofia no Ensino Médio Brasileiro**. Revista Espaço Acadêmico. Maringá, n.171, p. 26-37, agosto, 2015.

BORNHEIM, G. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1993.

BRANGATTI, P. R. **O ensino de filosofia no segundo grau: uma necessidade de leitura do cotidiano**. Piracicaba: Unimep, 1993.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 1. ed. Brasília: MEC/SEB, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - Ensino Médio**. Brasília, 2018a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio>.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 2018b. Disponível em: <http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf>.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: Edições Câmara, 2018c.

CARTOLANO, M. T. P. **Filosofia no Ensino de 2o Grau**. São Paulo: Cortez – Autores associados, 2015.

CAVALCANTE, T. **Contribuições de Tomás de Aquino para a educação: as virtudes cardeais e o bem comum**. Seminário de Pesquisa do PPE, 2009, Pelotas. Anais... Pelotas.

CERLETTI, A. **O ensino de Filosofia como problema filosófico** [tradução Ingrid Muller Xavier]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA NETO, A. **Paradigmas em Educação no Novo Milênio**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2003.

CRUZ, J. B. A. **Filosofia**. Apostila, 2º ano do Ensino Médio. Barra do Garça, 2010.

CUNHA, J. A. **Filosofia**: iniciação à investigação filosófica. São Paulo: Atual, 1992.

DELORS, J. **Educação a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez, 1996.

DUTRA, J. C; PINO, M. A. Resgate Histórico do Ensino de Filosofia nas Escolas Brasileiras: do século XVI ao século XXI. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**. Campo Grande, v.16, n.31, p. 85-93, 2010.

FÁVERO, Altair Alberto. *et al.* O ensino da filosofia no brasil: um mapa das condições atuais. **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 24, n. 64, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/cjCfPXS6th5jS3Gcgqb3m3j/?format=pdf&lang=pt>.

FERREIRA, L. S. **Educação, paradigmas e tendências**: por uma prática educativa alicerçada na reflexão. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 1, p. 1-10, 2003.

FERRETI, C. **Reforma do Ensino Médio no Contexto da Medida Provisória nº 746/2016**: Estado, Currículo e Disputas por Hegemonia. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, nº. 139, p.385-404, abr.-jun., 2017.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 24. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2001.

GALLO, S. **A especificidade do ensino de filosofia; em torno dos conceitos**. In: PIOVESAN, A. (Org.) *Filosofia e ensino em debate*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

GALLO, S. **“Perspectivas da filosofia no ensino médio brasileiro”**. In KOHAN, Walter & LEAL, Bernardina (org.). *Filosofia para crianças em debate*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública: A desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias. In. **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GERMANO, M. G. **Uma nova ciência para um novo senso comum**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

GONÇALVES, R. **Formação inicial de professores de filosofia**: um estudo sobre sua situação e perspectiva. Dissertação de Mestrado em Educação. Santa Maria: UFSM, 2004.

GOULÃO, M. F. **Ensinar a aprender na sociedade do conhecimento**: o que significa ser professor? Intaead: Lisboa, 2011.

GUARESCHI, P. **Sociologia crítica e sua contribuição educacional**: Porto Alegre: Edpucrs, 2002.

GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: 2007. Coleção Trans.

HESSEN, J. CORREIA, A. (1999). **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins fontes. 1999.

KOHAN, W. O. **Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no Ensino Médio**. In: (Orgs.) Filosofia no Ensino Médio. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUSANO, M. B. **A Antropologia de Edith Stein**: Entre Deus e a Filosofia. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.

LEAL, Ana Clara de Sousa. **A disciplina de filosofia no ensino médio**: um retrato da percepção discente. Conedu VII Congresso Nacional de Educação. Educação como (ré) existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Maceió, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA4_ID509_19082020215432.pdf.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA, J. P. Avanço neoliberal: retrocesso na educação Neoliberal: advancement: background in education. Universidade Federal do Ceará – UFC. **Revista Cocar** V.15. N.32, 2021.

LIPMAN, Matthew. **La filosofia en la aula**. Madrid: Edições de la Torre, 1992.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACIEL, A. M. R. **Formação na docência universitária?** Realidade e possibilidades a partir do contexto da Universidade de Cruz Alta. 2000. 126 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MACIEL JUNIOR, A. **Pré-socráticos**: a invenção da razão. São Paulo: Odysseus, 2003.

MARCONDES, D. **Iniciação a história da filosofia**: dos pré-socráticos as Wittgenstein. Rio de Janeiro. Zahar. 2008.

MARRONE, S. P. **A filosofia medieval em seu contexto**. In: Filosofia Medieval. McGRADE, A.S. (org). Tradução de André Oídes. São Paulo, Aparecida: Idéias & Letras. 2008.

MERKSENAS, P. **Aprendendo sociologia e praticando na sociedade**. São Paulo: Editora Loyola. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. DE S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, 2012.

MONENTE, M. G. **Fundamentos de sociologia** – Lições preliminares. Ed. Mestre Jou. 2011.

MONTEIRO, Maria Fernanda Alves Garcia. **O ensino de filosofia no ensino médio brasileiro**: antecedentes e perspectivas. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/10316/1/Maria%20Fernanda%20Alves%20Garcia%20Montero.pdf>>.

MORAES, C. S. V. **A socialização da força de trabalho**: introdução popular e qualificação profissional no Estado de São Paulo. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

NEVES, W. **Filosofia**: alguns de seus caminhos no Ocidente. São Paulo: Baraúna, 2014.

OLIVEIRA, A. M. **Primeira Filosofia**. Tópicos de Filosofia Geral. São Paulo: Editora Brasiliense. 2013.

OLIVEIRA, A. G. **As Disciplinas Renegadas da Educação Brasileira**. Campinas: Papirus, 2000.

OSLO, K. D.; LUCKMANN, L. C. **O professor formador na contemporaneidade**: desafios da docência universitária. In: XII Congresso Nacional de Educação, 12, 2015, Curitiba. Anais... Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2015.

PARRUDO, R. **Filosofia Continuada por todos nós**: Editora: Objetiva. São Paulo. 1998.

PAVIANI, J. **A dimensão ética da educação**. In: PAVIANI, Jaime. Problemas de filosofia da educação: o cultural, o político, o ético na escola, o pedagógico, o epistemológico no ensino. 8 ed. Caxias do Sul, RS, EDUCS, 2010.

PEREIRA, O. P. **Ciência e dialética em Aristóteles**. UNESP. 2001.

PINHO, R. **O Ensino de Filosofia no Brasil**: Considerações Históricas e Político-legislativas. Revista Educação e Filosofia. Uberlândia, v.28, n.56, p. 757- 771, 2014.

QUEIROZ, C. T. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

RAMALHO, Ellen Maianne Santos Melo. Da vulnerabilidade da Filosofia: um estudo sobre a presença da filosofia como uma disciplina frente às atuais mudanças curriculares no ensino médio. **Revista Perspectiva Filosófica**, v. 48, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/249346>>.

RIBEIRO, Jéssica. **A não-obrigatoriedade do ensino de filosofia e a ideologia neoliberal**: Notas acerca de um retrocesso político e educacional. SABERES, Natal RN, v. 19, n. 2, 2018.

RIBEIRO, M. L. S. **Educação Escolar**: que prática é essa? Campinas: Autores Associados, 2001.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e currículo**. Petrópole: RJ, Vozes, 2008.

ROCHA, Ronai Pires da. **Quando ninguém educa: questionando Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2017.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil**. 34. ed. Petrópolis. Vozes. 2009.

SANTOMÉ. Jurjo Torres. **A Educação em Tempos de Neoliberalismo**. Porto Alegre: Artmed. 2003.

SANTOS, C. R. **Avaliação Educacional**: um olhar reflexivo sobre sua prática. São Paulo: Editora Avercamp, 2005.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciências filosófica. 13. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

SEVERINO, A. **O ensino da filosofia**: historicidade do conhecimento e construtividade da aprendizagem. In GALO, Silvio, CORNELLI, Gabriele. São Paulo, 2003.

SEVERINO, A. J. **Filosofia e ciências humanas no ensino de 2º grau**: uma abordagem antropológica da formação dos adolescentes. In: QUEIROZ, José J. (org.) Educação hoje: tensões e polaridades. São Paulo: FECS/USF, 1997.

SILVA, J. J. **Filosofias da Matemática**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SILVA, Cristian Fabrício dos Santos. A contribuição do ensino de filosofia no ensino médio profissionalizante do IFPB. **Dissertação (Mestrado em Profissional em formação de professores)** - Universidade Estadual da Paraíba. 2018. Disponível em: <https://posgraduacao.uepb.edu.br/ppgfp/download/DISSERTACAOCRISTIANFABRICIODOS-SANTOS-SILVA.pdf>.

TARDIF, M. **Formação dos professores e contextos sociais: perspectivas internacionais**. Porto: Ed. Rés, 1997.

TORRES, L.T. **O blog como ambiente de reflexão filosófica na escola: a nova ágora virtual**. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTOS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2010, Recife. Anais... Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

ULHOA, J. P. **O professor e sua prática**. Educação e Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Artes. Volume 12, n. 24, jul/dez 1998.

VALEIRÃO, K. **Fundamentos da Educação**. NEPFIL online: Série Dissertatio-Incipientis. Pelotas, 2014.

ZANATTA, R; SETOGUTI, R. **Filosofia da Educação no Brasil: Raízes Históricas**. VIII Congresso Nacional de Educação: Educere. Curitiba, Anais..., p. 3445-3458, 2008.

ZANATTA, Regina Maria; SETOGUTI, Ruth Izumi. **Filosofia da Educação no Brasil: Raízes Históricas**. Rio de Janeiro, 2014.

ZUCCHI, Janaina. **O Ensino da filosofia no Ensino Médio e a formação Humana: Análise e proposições críticas** / Janaina Zucchi. -- 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim, RS, 2019.